

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO



**Fernanda Fontoura**

**Aspectos interculturais dos episódios  
policiais envolvendo estrangeiros no Brasil**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras/Estudos da Linguagem.

Orientadora: Profa. Rosa Marina de Brito Meyer

Rio de Janeiro  
Abril de 2014



**Fernanda Fontoura**

**Aspectos interculturais dos episódios  
policiais envolvendo estrangeiros no Brasil**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

**Profa. Rosa Marina de Brito Meyer**  
Orientadora  
Departamento de Letras – PUC-Rio

**Prof. Ricardo Borges Alencar**  
Departamento de Letras – PUC-Rio

**Profa. Patricia Maria Campos de Almeida**  
UFRJ

**Profa. Denise Berruezo Portinari**  
Coordenadora Setorial do Centro de Teologia  
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 16 de abril de 2014

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, da autora e do orientador.

## **Fernanda Fontoura**

Graduou-se em Letras na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em 2007.

### Ficha Catalográfica

Fontoura, Fernanda

Aspectos interculturais dos episódios policiais envolvendo estrangeiros no Brasil / Fernanda Fontoura ; orientadora: Rosa Marina de Brito Meyer. – 2014.

113 f. : il. (color.) ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2014.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Interculturalismo. 3. Estereótipo. 4. Português como segunda língua. 5. Episódios policiais. I. Meyer, Rosa Marina de Brito. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 400

## Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, que esteve comigo em cada momento de dificuldade e me permitiu mais esta conquista;

À minha orientadora, Rosa Marina, pela atenção, entusiasmo e dedicação ao longo de todo o percurso. Obrigada pelo pulso firme diante das minhas falhas e pelo apoio diante das minhas fraquezas. Obrigada pelos ensinamentos, motivação e generosidade.

Aos meus pais, que me deram apoio e vem me acompanhando por uma longa jornada, de lutas e sonhos.

Aos meus tios Magda e Antônio que não só me hospedaram durante o período do mestrado, incentivando meus estudos como também me encheram de carinhos fazendo com que eu me sentisse verdadeiramente em casa.

Ao meu namorado, Jonathan Freitas, que esteve presente e me apoiando, me entendendo quando diversas vezes cancelei nossos encontros para escrever esta dissertação;

À minha família e amigos, por sempre estarem ao meu lado, incondicionalmente. Em especial a amiga Fernanda Tavares, por ter me incentivado a fazer o mestrado e estar sempre disposta a me ajudar.

Aos amigos historiadores Glaydson Matta e Pedro Tavares que compartilharam comigo seus conhecimentos na área e me levaram para caminhar nas ciências históricas.

Aos meus professores, que contribuíram e acrescentaram na minha caminhada acadêmica, ainda inconclusa, que trouxeram dúvida sempre construtiva, e que colaboraram de forma especial com o enriquecimento deste trabalho.

À PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

## Resumo

Fontoura, Fernanda; Meyer, Rosa Marina. **Aspectos interculturais dos episódios policiais envolvendo estrangeiros no Brasil**. Rio de Janeiro, 2014. 113p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O território brasileiro vive a cada ano um aumento do fluxo de entrada de turistas estrangeiros. Tais turistas trazem consigo não apenas sua bagagem, mas inúmeras imagens acerca do país, imagens estas que nortearão seu modo de pensar e agir em território brasileiro. Alguns estereótipos tão presentes na cultura brasileira, tais como o da malandragem, do jeitinho, do carnaval e da liberdade, levam a uma interpretação errônea da cultura brasileira, dando aos turistas estrangeiros a sensação de que este é um país licencioso onde tudo é permitido. Este trabalho se propõe a mostrar como as diferenças interculturais podem ir parar nas delegacias a partir da investigação de como os turistas entendem que tipo de comportamento é adequado ou não ao Brasil. A ação metodológica central consistiu na análise de matérias jornalísticas publicadas na internet relatando casos de turistas acusados de alguma infração em território brasileiro. Recorremos, entre outros, aos estudos de Richard D. Lewis e de Geert Hofstede - autores que apresentam os conceitos de cultura e interculturalismo, e cujos modelos de categorização de culturas são utilizados como parâmetro para a pesquisa, para a escolha dos informantes e para a análise de dados - e Roberto Augusto DaMatta, antropólogo brasileiro estudioso do Brasil, de seus dilemas e de suas contradições. Através dos estudos do autor, mostramos como e porque se construiu imagens inadequadas do Brasil e como a má interpretação destas imagens pode levar a um comportamento inoportuno por parte dos estrangeiros.

## Palavras-Chave

Interculturalismo; Estereótipo; Português como Segunda Língua; Episódios Policiais.

## Abstract

Fontoura, Fernanda; Meyer, Rosa Marina (Advisor). **Intercultural aspects in police episodes involving foreigners in Brazil**. Rio de Janeiro, 2014. 113p. MSc. Dissertation - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Brazilian territory lives each year an increase on inflow of foreigners tourists. These tourists bring with them not only their luggage but also numerous images about the country, images that will guide their manner of thinking and acting in the Brazilian territory. Some stereotypes so observed in Brazilian culture like trickery, knack, carnival and freedom, lead to an erroneous interpretation about Brazilian culture, giving the tourists the feeling that this is a licentious country where everything is allowed. This research proposes to show how the intercultural differences can lead people to jail based on the research on how tourists understand what kind of behavior is or is not proper in Brazil. The main methodological action of this study was the analysis of news reporting cases of tourists accused of some offense in Brazilian territory published on web. We used the studies of Richard D. Lewis and Geert Hofstede, authors that present concepts about culture and multiculturalism, and whose categorization model about culture are used as a parameter to our research, to the choice of informants and to the data analysis; and Roberto Augusto DaMatta, a Brazilian anthropologist who studies Brazil, its dilemmas and contradictions. Through the studies of these authors, we show how and why were built the wrong images about Brazil and in what manner this interpretation can lead tourists to behavior improperly.

## Keywords

Cross-cultural studies; Stereotypes; Portuguese as a Second Language; Police Events.

## Sumário

1 Introdução	9
1.1. Sobre o turismo no Brasil	10
1.2. Sobre as imagens do Brasil	10
1.3. Objetivo da pesquisa	11
1.4. Sobre o método	12
1.5. Sobre a organização dos capítulos	13
2 Conceito de cultura, Interculturalismo e Português como Segunda Língua	15
2.1. O conceito de Cultura	15
2.2. O Interculturalismo	18
2.3. Considerações sobre o ensino de Português como Segunda Língua	18
2.3.1. Sobre o papel do professor	20
2.3.2. Sobre os choques culturais	20
2.3.3. Sobre a pragmática, defesa da face e a polidez	22
2.3.4. Exemplos de diferenças culturais no discurso	24
2.4. A influência da cultura no discurso e no comportamento	28
3 Pressupostos Teóricos	30
3.1. Parâmetros de Hall e sua aplicabilidade no Brasil	30
3.2. A teoria de Geert Hofstede e suas dimensões culturais	32
3.3. O Modelo de Richard Donald Lewis	39
3.4 Sobre os Estereótipos e Generalizações segundo Milton J. Bennet	43

4	Contextualização da sociedade brasileira	50
4.1.	Carnaval, Jeitinho e Malandragem: Categorias como elementos paradigmáticos a ação moral	50
4.2.	O jeitinho e a malandragem brasileira	51
4.3.	As origens do Malandro	53
4.4.	Jeitinho como mecanismo de adaptação	54
4.5.	A visão do Malandro como herói	57
4.6.	Carnaval	59
4.7.	Carnaval aos olhos dos estrangeiros	61
4.8.	Carnaval – festa da carne	62
5	Análise de dados	65
5.1	Corpus	65
5.2.	Critérios Utilizados	66
5.3.	Matérias do Grupo Multiativo	69
5.4.	Resultados do grupo Multiativo	70
5.5.	Matérias do Grupo Linear	73
5.6.	Resultados do Grupo Linear	74
5.7.	Conclusões Iniciais	78
5.8.	Dados da tabela	78
6	Considerações finais	81
7	Referências Bibliográficas	84
8	Anexos	88

# 1 Introdução

Sou graduada em Letras pela UERJ e tive a oportunidade de participar de um programa nos Estados Unidos para aprimorar o conhecimento em língua inglesa. Nesse período não só aprendi algumas regras sociais da cultura americana como também pude escutar de pessoas de diferentes países muitas observações e indagações curiosas acerca do Brasil e seus costumes.

Ao conhecermos outros países, estamos inerentemente expostos a um grupo de regras sociais que muitas vezes se mostram bem diferentes das nossas. A forma de se comportar, de se comunicar, de se relacionar com outras pessoas ou até mesmo a forma de se vestir, são alguns dos vários aspectos que variam de um lugar para outro.

A oportunidade de conhecer outras culturas é reveladora e inesquecível e, certamente, as diferenças entre pessoas de culturas distintas nunca me passaram despercebidas, ao contrário, após os estranhamentos iniciais, essas experiências despertaram em mim um enorme interesse por diferenças culturais.

Posteriormente, em decorrência da minha vida acadêmica, debruicei-me sob os estudos teóricos acerca deste tema, e com um olhar mais aguçado acerca do assunto pude observar quão inusitado era o comportamento de alguns estrangeiros quando estavam no Brasil. Ao ler nos meios de comunicações matérias relatando infrações cometidas por estrangeiros comecei a me perguntar o que os levava a ter um comportamento tão singular.

Arrisco-me em dizer que muito do conjunto de regras, valores, comportamentos e hábitos do povo brasileiro não são entendidos pelos turistas que visitam nosso país e o incremento do turismo no Brasil, e em particular no Rio de Janeiro, impulsionado, sobretudo, pela realização de grandes eventos desde o ano de 2007, como foi o caso dos Jogos Pan-Americanos, da realização da Jornada Mundial da Juventude Católica, da realização da Copa das Confederações, da Copa do Mundo e das Olimpíadas, trouxe e ainda trará consigo não só um aumento no número de turistas estrangeiros, como também um aumento de incidentes decorrentes da má interpretação da cultura brasileira.

## 1.1

### **Sobre o turismo no Brasil**

Estima-se que atualmente o setor de turismo responda por aproximadamente 9% dos empregos na economia mundial e movimente quase 12% das exportações globais. Segundo Chagas e Dantas (2009), no período de 1995 a 2004 o número de chegadas internacionais aumentou em média 170% ao ano, fazendo do Brasil um dos principais destinos turísticos receptores do mundo. Estes autores problematizam a imagem do destino turístico propagada no exterior como um fator de peso relevante na hora da escolha do consumidor turístico. Este é o ponto nodal no qual desenvolveremos parte das nossas reflexões, afinal nos interessa saber em que medida a imagem do Brasil e as expectativas que esta imagem traz são responsáveis por determinadas condutas em território brasileiro.

## 1.2

### **Sobre as imagens do Brasil**

Segundo Echtner e Ritchie (1991), apud Chagas e Dantas (2009), qualquer turista possui uma imagem de um determinado lugar, mesmo sem nunca conhecê-lo. Bignami (2002) classifica cinco imagens do Brasil difundidas no exterior, relevantes na decisão de escolha do Brasil como destino turístico: I- do paraíso, numa referência às belezas naturais do país, como as praias; II- do país do sexo fácil, num apelo à sensualidade, à lascívia, e à beleza das mulheres; III- do povo brasileiro, em alusão à alegria, cordialidade, malandragem, entre outros atributos da nossa cultura, elementos que estão presentes em análises de pensadores como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Roberto Da Matta; IV- do carnaval, em referência à principal festa brasileira conhecida no exterior; e V- do lugar exótico e místico, entre outros.

O aumento do turismo trouxe a preocupação com o problema da segurança e algumas medidas visando melhorias foram tomadas com a finalidade do bem-estar da própria sociedade e dos turistas que começavam a chegar. A imagem do Brasil e, principalmente do Rio de Janeiro, como um lugar violento precisava ser

mudada radicalmente em nome da viabilidade do projeto turístico que estava sendo pavimentado através dos grandes eventos.

Contudo, se houve esforços para o combate à criminalidade no Estado, como foi o caso da criação das Unidades de Polícia Pacificadora – UPPs<sup>1</sup>, instaladas em áreas de favelas da cidade com o objetivo do controle territorial de áreas dominadas pelo tráfico de drogas; o Choque de Ordem da Prefeitura, com o propósito de organizar o espaço da cidade; entre outros, é preciso examinar também o fato de que os delitos mostram-se uma via de mão-dupla, na medida em que delitos e infrações muitas vezes são cometidos também pelos turistas estrangeiros. O imaginário construído acerca do Brasil no exterior como o país do carnaval, da liberdade, da malandragem, do jeitinho pode ser um vetor que explica em parte algumas posturas adotadas por estes turistas infratores.

### 1.3

#### **Objetivo da pesquisa**

Nosso objetivo neste trabalho é observar através de reportagens envolvendo turistas estrangeiros, se os modelos de categorização de culturas apresentados por Richard D. Lewis (2006) mantêm-se os mesmos quando o turista está fora de seu país; notar se há semelhanças entre os delitos praticados por pessoas de um grupo que partilha a mesma cultura; perceber se as diferenças de comportamento entre culturas é o fator que leva turistas estrangeiros a cometerem delitos; e por fim analisar se há por parte destes estrangeiros uma confusão entre os conceitos de liberdade e licenciosidade.

Esta reflexão torna-se importante para aproximar os construtos sociais da imagem do Brasil e estabelecer um elemento de conexão com o perfil dos delitos que têm sido efetuados no país por turistas estrangeiros. Trata-se, sobretudo, de um exercício de estranhamento, caro à antropologia, de transformar o exótico em natural e o natural em exótico.

---

<sup>1</sup> Trata-se de um projeto executado a partir de 2008 pela Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro, com o objetivo de organização de polícias comunitárias em áreas de favelas, principalmente na capital, com objetivo de desarticular organizações criminosas, ligadas principalmente ao tráfico de drogas, que controlavam esses territórios.

Buscamos entender as especificidades do fenômeno em termos de sua origem e de sua razão de ser. Sendo assim, veremos nesta dissertação que os dados, em vez de serem tabulados, de forma a apresentar um resultado preciso, são retratados a partir de uma perspectiva interpretacionista, pois reforçamos a ideia de que a ação humana é radicalmente subjetiva.

## 1.4

### **Sobre o método**

Propomos um exercício investigativo de examinar as reportagens que nem sempre estão nas primeiras páginas de jornais, como é o caso do tráfico de drogas, a formação de milícias urbanas, as chacinas nas favelas ou os grandes assaltos, os sequestros, entre outros. Ao invés disso, analisamos como o estrangeiro, tão festejado para o movimento da economia na indústria do turismo, pode ser, ele mesmo, também um infrator, uma pessoa que comete delitos, e estabelecer possíveis ligações entre estes e as imagens pré-construídas acerca do Brasil. Para isso, analisamos reportagens e matérias jornalísticas publicadas na internet sobre delitos e infrações cometidos por turistas estrangeiros.

Acreditamos que o comportamento humano não pode ser descrito, e muito menos explicado, com base em suas características exteriores e objetiváveis. Sob essa perspectiva, é necessário lançar mão de métodos de investigação e critérios epistemológicos diferentes daqueles tradicionais utilizados nas ciências naturais. Sendo assim, utilizaremos como referência métodos de natureza qualitativa ao invés dos quantitativos, a fim de se obter um conhecimento intersubjetivo, descritivo e compreensivo sobre o tema estudado.

A análise crítica do discurso referenciada na materialidade do discurso, tal como problematizada por Fairclough (2001), pode ser entendida, então, como o aparato metodológico através do qual essa investigação é passível de ser realizada, entendendo o discurso como uma prática social inseparável das demais, na qual se articula uma leitura dialética para fugir das explicações deterministas e/ou mecanicistas, articulando discurso e estrutura social. Neste caso, fazemos uso deste recurso metodológico como via para evitar explicações minimalistas, na

qual tudo se explica através da suposta permissividade brasileira, abrindo caminho para mediações entre os delitos, a cultura e outros.

## 1.5

### **Organização dos capítulos**

Para atingir este propósito, esta dissertação organiza-se em seis capítulos. No primeiro capítulo, apresentamos o estudo, sua relevância e seus objetivos principais.

No segundo capítulo tratamos dos principais conceitos de cultura e interculturalismo que funcionarão como guia para o desenvolvimento deste trabalho. Abordaremos também questões relativas ao ensino de português como segunda língua e sua relação com questões pragmáticas e culturais.

Posteriormente, no terceiro capítulo, iniciamos uma discussão mais profunda sobre interculturalismo e procedemos à contribuição do estudo de Edward Hall e sua leitura sobre cultura de baixo e alto contexto e às discussões de Hofstede para uma melhor compreensão da problemática, principalmente com suas discussões que envolvem o distanciamento de poder, o Individualismo vs. Coletivismo, Masculinidade vs. Feminilidade, Controle de Incertezas e Orientações a Longo Prazo. Também é significativa neste capítulo a proposta do linguista britânico Richard Lewis e seu modelo de classificação da cultura em multiativo, linear-ativo e reativo. Discutimos a questão dos estereótipos e as contribuições do norte-americano Milton Bennett acerca da interação entre as pessoas.

No quarto capítulo fazemos uma discussão sobre a formação da sociedade brasileira, privilegiando um aspecto cultural. Desta forma, revisamos as discussões sobre o jeitinho brasileiro e a malandragem, tal qual o carnaval, fazendo um diálogo com um conjunto de pensadores desta realidade, como Roberto DaMatta e Sérgio Buarque de Holanda, utilizando em alguns momentos a interlocução de outros especialistas sobre as obras desses autores.

No quinto capítulo fazemos uma apresentação empírica dos dados que levantamos e procedemos uma análise acerca das relações existentes entre cultura e delitos ocorridos no Brasil.

No sexto e último capítulo fazemos as considerações finais, onde são apontadas as principais conclusões deste estudo e algumas perspectivas e desdobramentos para o campo.

## 2

### **Conceito de cultura, Interculturalismo e Português como Segunda Língua**

Neste capítulo, serão apresentados conceitos de cultura e interculturalismo que servirão de base para o desenvolvimento deste estudo. Posteriormente, apresentaremos como esse tema é relevante para o ensino de uma segunda língua. O objetivo deste capítulo é mapear a dimensão intercultural no ensino de português para estrangeiros e justificar sua relevância para a realidade atual do mundo.

#### 2.1

##### **Conceito de Cultura**

O conceito de cultura, quando pensado superficialmente, pode ser associado a manifestações de ordem artística como, por exemplo, música, teatro, pintura e literatura. Entretanto, o conceito de cultura abarca a dimensão de uma cultura objetiva, na qual os elementos citados anteriormente se destacam, e a de uma cultura subjetiva, cujas características serão enfatizadas no decorrer deste trabalho.

O conceito de cultura pode ser utilizado para explicar e influenciar o comportamento humano. Sabendo que determinadas condutas não têm o determinismo geográfico ou biológico, tais elementos são incapazes de explicar a diversidade humana. Sabe-se que uma das primeiras sistematizações do conceito de cultura teve como referência os trabalhos do antropólogo evolucionista Edward Tylor (1920), que definiu a mesma como todo um conjunto de aprendizados que não tem como referência a genética ou o cromossomo. Para Tylor, a cultura seria o complexo que inclui conhecimento, crenças, arte, morais, leis, costumes e outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade. Em outras palavras, a cultura corresponderia às formas de organização de um povo, seus costumes e tradições transmitidas através das gerações, a partir de uma vivência comum, formando assim, a identidade de um povo.

No livro *Linguistic Anthropology*, Duranti (1997) relaciona aspectos referentes à cultura, perpassando por seis teorias sobre este assunto. A primeira teoria conceitua a cultura como algo que as pessoas de um mesmo grupo passam de pais para filhos, como tudo aquilo que é produzido pelo ser humano e que é oposto à natureza. Franz Boas (1896) é um dos representantes desta teoria. De acordo com este pesquisador, os indivíduos apreendem o mundo sob o prisma<sup>2</sup> de sua cultura, o qual regula nossa maneira de enxergar o mundo ao nosso redor. Boas (1896) acrescenta ainda que a cultura corresponde a todas as ações do homem face à natureza e aos outros indivíduos.

A segunda teoria, conhecida por teoria cognitivista, considera que a cultura seja a síntese do conhecimento que é compartilhado por um mesmo grupo. Goodenough (1964), um dos principais estudiosos desta linha, admite que a cultura opera tanto como uma ferramenta para capturar o mundo à sua volta, quanto como um modelo de interação entre os membros deste grupo.

A terceira teoria, que teve em Lévi-Strauss (1975) e Geertz (1973) dois de seus expoentes, postula que cada cultura nada mais é do que uma das tantas maneiras de entender e representar o mundo. Lévi-Strauss (op. Cit) propõe que as culturas são uma adaptação da nossa mente frente aos vários ambientes que os seres humanos vivem para que possam viver de maneira satisfatória. Já Geertz (opcit) destaca as características comuns a todas as culturas para traçar regras gerais referentes ao entendimento das culturas humanas.

Para Marx e os defensores da quarta teoria, a cultura funciona como uma espécie de mediador entre o ser humano e suas tarefas, desenvolvendo-se mediante o trabalho, que tem uma dimensão teleológica e é a forma como o homem modifica a natureza e a si mesmo. Como exemplo, podemos citar a cultura como produto das atividades do homem no trabalho, realizado mediante intencionalidade, com o objetivo de atingir suas metas, sejam elas materiais ou não, com repercussões em vários campos, como é o caso da ideologia (no sentido da falsa consciência), da alienação, entre outros<sup>3</sup>.

Na abordagem pós-estruturalista, liderada por Bourdieu (2001), a cultura é considerada como um sistema de práticas mediadas pelas relações que se

---

<sup>2</sup>Prisma também é designado como *lente cultural* por Richard Lewis (2006).

<sup>3</sup> Particularmente o italiano Antônio Gramsci foi um dos que melhor desenvolveram estudos acerca da relação da cultura a partir dos referenciais de Karl Marx, sobretudo com suas discussões sobre subalternos, hegemonia, aparelhos privados, entre outros.

estabelecem dentro de uma sociedade, abarcando não só relações entre indivíduos, como também entre indivíduos e instituições.

A sexta teoria postula que a cultura é o resultado das interações entre indivíduos de um grupo. A cultura seria então um sistema interativo, no qual todo comportamento e toda ação uma pessoa deveriam ser entendidos dentro de um determinado contexto.

Laraia (1986) também faz uma análise de algumas teorias que estudam o que seria a cultura. O autor acredita que nossas ações são guiadas por padrões que recebemos a partir da interação com outros indivíduos de um mesmo grupo. Dessa forma, a cultura é entendida como uma espécie de cartilha que guia o comportamento do indivíduo dentro de um grupo específico. Esta cartilha delinearía a expressão comunicativa, as vestimentas, a interação, além de determinar o tipo de comportamento que é ou não adequado. Por isso:

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, resultado da operação de uma determinada cultura. (p. 68)

Laraia (1986) faz um esforço didático para esclarecer discussões muito relevantes sobre o conceito de cultura. Alguns elementos são importantes nesta riquíssima discussão, como o fato de que os debates e atualizações do conceito de cultura não cessarão e estão relacionados à reflexão humana, diversa e incansável. Ressaltando assim, o caráter dinâmico da cultura, destacando que a mesma está sempre em transformação.

O autor discute com grande mérito como os indivíduos de diferentes culturas veem o mundo de forma distinta, assinalando a herança cultural como o vetor explicativo das diversas formas de comportamento e posturas. Este é o aspecto da cultura que mais interessa a este trabalho visto que buscamos um entendimento harmonioso acerca das diferenças entre as culturas. As recentes e velozes mudanças que têm acontecido no mundo contemporâneo demandam reflexões importantes, sobre esta temática trataremos a seguir.

## 2.2

### O Interculturalismo

Com o advento da globalização, culturas que para nós antes eram longínquas, hoje parecem mais próximas do que nunca. O mundo também está mais conectado. A terceira revolução tecnológica e o desenvolvimento de tecnologias que estão ligadas à comunicação em tempo real afetam consideravelmente as relações sociais; exemplo disto tem sido a utilização de formas de comunicação diversas, ou o uso da internet e redes sociais na última década<sup>4</sup>.

Ainda que estejamos longe de poder falar em democratização do acesso à internet, o avanço tecnológico aparece como um meio de unir ainda mais as pessoas e consequentemente as culturas. A comunicação via internet tornou-se cada vez mais comum, tal qual assistir a programas sobre outros países em domicílio e também viajar ao exterior, atividades que estão cada vez mais acessíveis através do incentivo ao consumo pelo crédito. Basta um clique para esbarramos com diferentes costumes e, quando menos esperamos, entramos em uma cultura diferente.

O interculturalismo, ciência que estuda a cultura dos povos sob o ponto de vista da interação entre as pessoas, surgiu desta nova realidade e tem sua gênese das dinâmicas transformadoras que acontecem com velocidade considerável a partir do século XX. Pesquisadores que seguem esta linha buscam compreender de que maneira as pessoas criam significado para os gestos, ações, palavras e outras formas sutis de comunicação e como usam tais aspectos para conviver.

O objetivo do interculturalismo é desenvolver a inteligência intercultural para que o desentendimento entre indivíduos de culturas distintas seja diminuído e para que as pessoas desenvolvam maior compreensão das diferenças e, dessa forma, adaptem-se a elas mais facilmente.

Algumas pessoas podem ficar receosas ao pensar que o interculturalismo pode levar a uma perda de identidade. Richard Lewis (2006), autor americano que

---

<sup>4</sup> A utilização da internet tem alterado significativamente, através das redes sociais, em especial o facebook, os movimentos sociais, antes espaços verticalizados, controlados por partidos e organizações ligados à esquerda, e que agora tem sido instrumentos de mobilização e atraídos multidões. Exemplo disto foi a questão da utilização no processo de lutas conhecido como a Primavera Árabe, em 2011, e as recentes lutas contra o aumento das tarifas de transporte público no Brasil em 2013.

estudaremos posteriormente (Cf 3.3) acredita não haver risco de esquecermos quem somos: segundo ele, nossa essência será sempre a mesma. Podemos nos comportar de acordo com cada cultura, mas a nossa essência cultural permanece intocável, protegida, pois cérebro se condiciona culturalmente nas idades iniciais; sendo assim, precisamos adaptar apenas nosso comportamento, não nosso pensamento.

## 2.3

### **Considerações sobre o ensino de Português como Segunda Língua**

Embora o relacionamento entre indivíduos de países diferentes seja cada vez mais comum e constante, não significa que sempre ocorra uma harmonia entre eles. Tal fato que pode levar a dificuldades e impedir uma relação intercultural tranquila.

Inúmeras são as situações em que há falta de entendimento entre as pessoas, devido não só aos aspectos linguísticos, mas principalmente aos aspectos culturais. Hoje sabemos que para um aprendizado completo e eficiente de uma nova língua não basta o simples conhecimento sobre o seu sistema oral e escrito, mas também - e em igual importância - o conhecimento de questões sociais, históricas e culturais.

Pensar o ensino de línguas em termos puramente estruturais não é suficiente. É preciso nos conscientizarmos da importância de ensinar ao aluno como agir através das palavras de uma L2, considerando também seu aspecto pragmático. Sendo assim, não se pode deixar de lado o aspecto cultural no ensino/aprendizagem do português, bem como no de qualquer outra língua estrangeira.

### 2.3.1

#### **Sobre o papel do professor**

O professor de português como segunda língua tem um papel de grande importância neste aspecto, pois, dentre suas funções, está servir não apenas como uma ferramenta para ensinar a língua portuguesa, mas também como um intérprete das atitudes e comportamentos brasileiros de modo que seu aluno não interprete os fatos a partir de suas referências, mas que possa compreender o que as pessoas estão realmente dizendo, evitando assim mal entendidos.

Devemos buscar dar aos nossos alunos uma aquisição pragmática da língua portuguesa. Marcondes diz que:

“Quando a linguagem é adquirida, o que se adquire não é pura simplesmente uma língua, com suas regras especificamente linguísticas, mas todo um sistema de práticas e valores, crenças e interesses a ele associados. É neste sentido que podemos falar de uma aquisição da pragmática” (1992:41)

A natureza da linguagem exige que se considere seu uso social, e não apenas sua organização. Quando o ensino se resume ao vocabulário e à gramática, muitos outros aspectos são deixados de lado, por isso, é importante que o professor de língua estrangeira (PL2E) leve em conta padrões de comunicação social da cultura, pois sem o conhecimento pragmático de uma determinada língua, é provável de se produzir sentenças gramaticalmente corretas, porém indevida ao se levar em conta o aspecto social.

### 2.3.2

#### **Sobre os choques culturais**

Normalmente, ao pensarmos no termo pluralismo cultural, vem à nossa mente a nossa essência humanística e o fato de que este fator facilitaria a harmonia entre os diferentes povos. Infelizmente, na maioria das vezes, este pensamento é errôneo: as diferenças culturais causam muito mais conflitos do que a harmonia.

Não são raros os relatos de mal-entendidos na comunicação entre pessoas de culturas diferentes. Tais mal-entendidos podem ser interpretados como piadas, mas muitas vezes eles também são vistos como uma grosseria que pode levar o interlocutor a se sentir ofendido ou desrespeitado. Esse fato pode causar problemas na interação no dia a dia do aluno estrangeiro ou até mesmo alimentar o estereótipo de que determinadas culturas são rudes ou soberbas.

Culturas distintas encontram maneiras diferentes de se expressar, porém tais diferenças nem sempre são bem vistas pelo outro. As diferenças ocorrem porque cada cultura vê os conceitos sob perspectivas diferentes. Sendo assim, podemos dizer que as culturas têm conceitos semelhantes, mas cada uma tem a sua maneira de vivenciá-los. Esta diferença de ponto de vista pode não só nos levar a interpretar certas atitudes como irracionais como também causar grande problema à interação.

Como diz Hofstede, autor que nos aprofundaremos posteriormente (2001), os choques culturais são muito comuns, porém o que resolve os problemas são as práticas comuns, e não os valores comuns. As diferenças de valores devem ser compreendidas, enquanto as diferenças práticas devem ser resolvidas.

Levando estes aspectos em consideração, é imprescindível que o professor de PLE esteja preparado para atuar não apenas com os domínios linguísticos, mas também discursivos, exigindo-se do profissional conhecimentos culturais, ideológicos, históricos, políticos, entre outros.

A aquisição de hábitos linguísticos não basta para que um estrangeiro aprenda uma nova língua: é necessário que ele compreenda as formas de pensar, agir e sentir da nova cultura. Isso, entretanto, não significa fazê-lo assimilar a cultura em questão, modificando a sua, mas permitir que esse indivíduo tome consciência das diferenças e similaridades existentes entre essas duas culturas, para que assim consiga vivenciá-las da melhor maneira possível. À medida que se tenta perceber como a outra pessoa sente-se em nosso lugar e também quando se desenvolvem formas de respeito mútuo em relação às diferenças de cada um, diminuem-se as possibilidades de conflitos.

Para que possamos compreender melhor este aspecto, é necessário buscar embasamento teórico em diversas linhas de pesquisa, dentre elas as questões relativas a Pragmática, a Teoria da Polidez, e Trabalhos de face.

### 2.3.3

#### **Sobre a pragmática, defesa da face e a polidez**

Há inúmeras definições para o termo “pragmática”. De acordo com Levinson em sua obra publicada em 1983 (com edição brasileira em 2007), *Pragmatics*, “a pragmática é o estudo do uso linguístico” (p.6), “o estudo da capacidade dos usuários da língua de emparelhar sentenças com os contextos em que elas seriam adequadas” (p. 29).

Sob esta perspectiva, o estudo embasado unicamente na concepção gramatical é insuficiente e deve dar lugar a uma dimensão social do uso linguístico. Ao interagirmos, não somos governados apenas por regras gramaticais: há também as regras de interação; afinal quando se vive em sociedade, não se pode fazer/falar tudo que nos vem à cabeça.

Seguindo esta linha, Goffman (1980) acredita que existem regras sociais e culturais definindo a situação de interação, determinando a quantidade de sentimentos ligados à face como estes sentimentos devem ser distribuídos entre as faces envolvidas. O termo face é definido pelo autor como “o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reclama para si mesma através daquilo que os outros presumem ser a linha por ela tomada durante um contato específico” (p.76-77).

Brown e Levinson (2007) afirmam que tanto o falante quanto o ouvinte tendem a “manter a face um do outro”, pois vivemos em uma sociedade e se quisermos ser aceitos temos que respeitar certas regras sociais. Temos que manter a face positiva que é a necessidade de ser aceito pelos membros de um mesmo grupo; porque se escolhermos a face negativa, que é a necessidade de ter liberdade de ação e não receber ordens, não seremos aceitos pelo grupo social.

A polidez é, sem dúvida, um dos elementos de extrema importância da vida em sociedade e, por isso, é considerada como um dos valores socioculturais mais importantes que pode ser expresso por meio da linguagem. Estudiosos afirmam que a polidez é responsável pela ordem social. A polidez, tomada no sentido mais geral, é considerada um valor universal, no sentido de que existe em qualquer sociedade. Porém, deve-se levar em consideração que esta sofre de uma complexa variação cultural, sujeita a especificações culturais de diversos tipos.

O conhecimento acerca da linguagem que tais teorias trouxeram à tona não pode ser deixado de lado quando se trata do aprendizado de uma segunda língua. Deve-se reconhecer a linguagem como atividade, usada não apenas para transmissão de informações, mas também para regular as relações sociais; por isso, a importância de se mostrar aos aprendizes os recursos utilizados pelos interagentes para manter uma certa ordem social.

Seja em qual for a cultura/língua, ao interagir socialmente, o homem mostra-se extremamente preocupado com a sua imagem, pois o sucesso da interação muitas vezes pode depender da forma como nos mostramos aos nossos semelhantes. Quando uma pessoa interage com outra, é porque existe algum tipo de relação social entre elas, logo, há também uma expectativa de se manter esta relação social após o término do encontro. Em qualquer cultura, ao expor a nossa face estamos frequentemente buscando estender as nossas relações sociais.

Na interação não só defendemos nossa própria imagem/face, como também protegemos a do outro. Uma interação bem sucedida resultada combinação das regras de autorrespeito e consideração. Para evitar o rompimento de uma relação social deve-se evitar constranger o outro.

Devemos, porém, ressaltar que o conceito de verdade, do que é ou não apropriado falar, do que é ou não ofensivo, vai variar de país para país. A cultura tem uma grande influencia em nosso discurso, como veremos a seguir, ela influencia no modo de receber e fazer uma crítica, no modo de recusar convites, ouvir opiniões, etc.

### 2.3.4

#### Exemplos de diferenças culturais no discurso

É importante, por exemplo, que um professor de português para estrangeiros chame a atenção dos seus alunos em relação às respostas negativas ou recusas. Por não estarmos acostumados com respostas negativas simples e diretas, quando as escutamos de um estrangeiro podemos nos sentir extremamente constrangidos, magoados e desrespeitados.

Enquanto para um brasileiro dizer um “não”, é algo relativamente difícil, para outras culturas não o é. Quando, por exemplo, somos convidados para sair e não queremos ir, dificilmente respondemos não diretamente. Falamos que temos um outro compromisso que foi marcado anteriormente (para não parecer que o outro compromisso é mais importante), ou falamos que vamos tentar ir sim (embora tenhamos certeza de que não iremos). Aqui as respostas negativas não são faladas de um modo direto, os brasileiros utilizam-se de uma comunicação implícita e ambígua. Por outro lado uma pessoa de cultura linear, nesta mesma situação, provavelmente responderão que não quer e o porquê – desculpas não são necessárias.

Sobre este assunto Adriana Albuquerque (2003) acrescenta que:

O alargamento do conceito de negação, em que se abarcam importantes aspectos acerca dos usos direto/indireto e explícito/implícito das estruturas com valor negativo, permite-nos um adentramento mais profundo e sistemático no universo que envolve as razões pelas quais escolhemos um determinado tipo de estratégia discursiva para efetivamente concretizar um ato de negar. Estas razões, inseridas em contexto macro de realização, são determinadas por fatores sócio-culturais, que variam de sociedade para sociedade” (Pág 110)

É importante que os aprendizes de português saibam que a desculpa em nossa cultura nada mais é que uma estratégia de ser polido, uma maneira de salvar a nossa face e a do outro, e que todos nós damos desculpas várias vezes todos os dias. Lakoff (1973, *apud* Lins, 2002) explica que a diferença óbvia entre um comportamento polido e um rude é que o polido traz às pessoas uma sensação confortável de harmonia, enquanto que o rude distancia o falante do seu ouvinte.

Nos manuais de etiqueta como da Claudia Matarazzo, sugerem, por exemplo, que ao ouvir uma pergunta como “Lembra-se de mim?” e não fizemos a menor ideia de quem seja a pessoa, devemos responder: “Lembro-me perfeitamente de você, mas infelizmente, seu nome me escapa.” Sugere ainda que ao sermos convidados para ser padrinho/madrinha de uma festa de casamento, e a nossa situação financeira não estiver favorável para tal, deve-se dizer “que você vai estar ausente nessa data, esse tipo de coisa.” Nas palavras da autora “devemos dizer uma mentirinha para não machucar.”

Fato é que estamos sempre procurando maneiras de dizer o “não” de uma forma que não ofendamos nosso interlocutor. Por isso, é comum inventarmos “desculpas” para que a resposta negativa não seja dada de modo direto. Através delas, mostramos que gostaríamos de responder “sim”, mas devido a fatores externos a nossa vontade, não é possível. Estas desculpas ajudam a contrabalançar estes eventos cujas implicações simbólicas efetivas ameaçam a nossa face. Quando alguém dá uma resposta negativa utilizando-se de desculpas, está controlando seu embaraço e o embaraço provocado nas outras pessoas pela recusa.

Denominado diplomacia ou tentativa de salvamento de face, as “regras de interação” são práticas habituais padronizadas. Empregadas de forma consciente ou não, espera-se que os membros de cada grupo social tenham alguma experiência no seu uso. Como tais experiências só são adquiridas através da interação ou de um saber multicultural, é imprescindível que questões como estas não passem despercebidas por um professor de Português para Estrangeiros, pois tais normas são utilizadas para reduzir a possibilidade de conflito em uma interação.

Visto que boa parte dos brasileiros sempre procura não ferir os sentimentos do outro, muitas vezes contamos algumas mentiras para evitar confronto e também com o propósito de não criar uma situação desconfortável para a outra pessoa. Nem sempre a sinceridade é bem vinda em nossa cultura. Já diz o ditado brasileiro que “quem fala o que quer, escuta o que não quer”.

Outro exemplo que pode ser dado em relação às diferenças culturais que muitas vezes se reflete na linguagem é a questão do elogio. Por exemplo, ao jantarmos na casa de alguém e sermos perguntados sobre o que achamos da comida, para nós, é educado dizer: “A comida está uma DELÍCIA” com uma entonação tão intensa quanto o adjetivo. Para nós, mesmo que não estejamos sendo completamente honestos não queremos de maneira nenhuma parecer antipáticos ou rudes. Se a resposta para a tal pergunta fosse dada de maneira menos entusiástica e com um vocabulário menos intenso, como simplesmente: “Está boa”, entenderíamos que a pessoa além de não ter gostado da comida, também não se preocupou em demonstrar que tinha gostado, comportamento este que seria visto em nossa cultura como indelicado.

É importante que o estrangeiro saiba que o Brasil é caracterizado como uma sociedade que prima pela relação e a sinceridade pode influenciar nossas relações de maneira muito significativa. Ao utilizarmos da sinceridade, assumimos um grande risco de perder uma amizade. Se nós brasileiros nos incomodamos com algo que um amigo ou colega de trabalho fez, é possível que comentemos sobre o ocorrido com outra pessoa, mas dificilmente falaremos diretamente com ele. Isso acontece porque sabemos que é grande probabilidade da outra pessoa se sentir ofendida e se afastar de nós. Já algumas pessoas de cultura diferente, quando incomodados com algo que um amigo fez, é provável que eles falem diretamente com ela. E isso não quer dizer que a amizade terminará ali, só significa que eles estão tentando resolver o problema.

É muito importante que se tenha uma inteligência intercultural também no âmbito das relações afetivas. Quando uma mulher brasileira reclama de seu peso, é inconcebível que seu parceiro concorde com suas reclamações. Ele sabe que nunca, jamais, deve concordar que ela está acima do peso. Deve dizer que ela está linda, mesmo concordando com ela, pois sabe que o que ela quer ouvir é um elogio. Já um homem de uma cultura cuja comunicação seja mais direta, poderia ter um comportamento diferente; concordaria ou não com sua parceira, entendendo que ela precisava de uma segunda opinião, ao invés do óbvio elogio. O excesso de sinceridade muito presente em algumas culturas pode acabar até mesmo com um relacionamento amoroso: afinal, as mulheres brasileiras não estão

muito acostumadas com a verdade, principalmente quando esta verdade vai de encontro ao que pensam.

Conflitos multiculturais e mal entendidos impedem também um ambiente de trabalho de qualidade para as pessoas envolvidas numa organização. Empresas multinacionais se instalam em diferentes países, trazendo novas culturas de organização do trabalho trocando experiências culturais. É imprescindível que um estrangeiro saiba, por exemplo, que não é incomum que um funcionário brasileiro diga sim para um determinado trabalho e depois não o faça. Pode ser que se o estrangeiro não souber desta característica do brasileiro, irá contar com o trabalho feito, e o pior, dentro do prazo.

Para os brasileiros, o ambiente de trabalho é visto como a extensão de sua casa. Neste ambiente a emoção se sobrepõe à razão, por isso as relações de amizade prevalecem; isso explicaria a dificuldade de muitos chefes brasileiros darem uma bronca em seu subordinado, mesmo quando este cometeu um erro grave. Indivíduos oriundos de países com uma cultura diferente da nossa, via de regra, procuram conter as emoções e as relações de amizade no ambiente de trabalho, já que para eles a relação pessoal não deve interferir no resultado do trabalho.

A maioria dos brasileiros não está acostumada a ser repreendida diante de outras pessoas, menos ainda de maneira direta. A forma explícita, franca e direta dos alemães ou ingleses muitas vezes são vista por nós como ofensivas. Em se tratando de estrangeiros, é importante que eles saibam que tal atitude, no Brasil, pode fazer com que ele seja visto como uma pessoa mal-educada e arrogante.

Para evitar conflitos é necessário que todas as pessoas pertencentes à empresa tenham consciência da diversidade cultural. Esta atitude possibilita respeito e consideração às diferenças, favorecendo assim, o estabelecimento de relações de trabalho mais flexíveis e inovadoras e contribuindo para o desenvolvimento da organização.

Ao se evidenciar que as dificuldades estão, em grande parte, associadas às diferenças culturais pretende-se ressaltar o quanto a cultura está presente nos relacionamentos sociais e, portanto, o quanto um conhecimento e um tratamento

adequado das diversidades culturais podem contribuir para um melhor relacionamento entre as pessoas.

## 2.4

### A influência da cultura no discurso e no comportamento

Influenciados por estudiosos importantes do início do século XX, como Whorf e Sapir e os antropólogos Boas e Rose Benedict, representantes do relativismo cultural, Edward Hall (1998) contribuiu, através de seus estudos, para facilitar a criação de mecanismos que levassem, de maneira mais palpável, o entendimento das diferenças culturais, construindo, assim, as bases para um estudo científico dos fenômenos interculturais.

Segundo a linha de pensamento do relativismo, cada cultura tem uma visão de mundo particular, ou seja, as diferenças entre as culturas são altamente relativistas e língua serve como um instrumento que exterioriza a maneira de ver o mundo de cada cultura. Dois estudiosos alemães, Herder e Wilhelm Von Humboldt, acreditam que cada língua e, por consequência, cada cultura é única. Como diz Robl (1975):

No entender de Humboldt, a diversidade de línguas provém não tanto da diferença de sons e signos, mas sim, das diferentes concepções do mundo. E qualificou de verdadeiramente desastrosa para a linguística a ideia muito difundida de que as diversas línguas não fariam outra coisa senão assinar ou rotular nomes a uma mesma congêrie de objetos existentes independentemente desses nomes. Para Humboldt, embora as línguas tenham propriedades universais, atribuíveis à mentalidade humana como tal, cada língua oferece um 'mundo de pensamento' e um ponto de vista de tipo único (p. 6).

Portanto, qualquer língua deve ser olhada como um todo orgânico, diferente dos demais: é a expressão da individualidade do povo que a fala, a característica da psique de uma nação. De certa forma — afirma ele — "a língua é a manifestação exterior do espírito dos povos; seu espírito é sua língua e sua língua é seu espírito". Em resumo, a língua não designa uma "realidade" pré-existente. Ela organiza, para os falantes, o mundo circunstante."

Ora, assim como a língua está carregada de um peso histórico e cultural ao qual devemos conhecer para dominá-la, as atitudes, a essência e a cultura de um povo, também devem ser minimamente conhecidas para que possamos nos

comportar de maneira satisfatória em um dado país. Nos aprofundamos sobre este tema no quarto capítulo que trata sobre contextualização da sociedade brasileira.

Por enquanto, reforçamos a ideia de que é preciso que as pessoas desenvolvam uma consciência e compreensão das diferenças culturais, de maneira tal que possam saber os motivos pelos quais os “outros” assumem atitudes que nem sempre são consideradas razoáveis do ponto de vista da sua realidade.

Há uma tendência de se valorizarem aspectos de nossa cultura e de se perceber o outro como inadequado e inconveniente. Normalmente, o etnocentrismo provoca conflitos graves quando as diferenças não são compreendidas como fatos culturais, mas interpretadas como dificuldades de relacionamento interpessoal. Ressaltamos que a convivência intercultural significa sempre uma troca de conhecimentos, valores, atitudes, hábitos, costumes: significa um processo enriquecedor do ponto de vista pessoal e cultural. As pessoas que vivem esta experiência inevitavelmente passam por um processo de transformação.

### 3

#### Pressuposto Teórico

Neste terceiro capítulo nos aprofundamos em questões relativas ao interculturalismo e damos foco a três modelos de categorização cultural apresentadas por Edward Hall, Geert Hofstede e Richard D. Lewis. Tais categorizações são importantes, pois além de preverem padrões de comportamento de uma cultura, buscam um tipo de unidade que nos servirá como base para questionar porque turistas estrangeiros agem de determinada forma quando estão no Brasil. Estes modelos foram incluídos no processo organização e desenvolvimento das investigações e nas análises de reportagens envolvendo turistas internacionais.

#### 3.1

##### Parâmetros de Hall e sua aplicabilidade no Brasil

Para que a lógica de cada cultura pudesse ser compreendida de forma mais acessível, Hall (1998) criou alguns parâmetros. Um desses parâmetros, que ainda hoje é muito utilizado, é a oposição cultura de *baixo contexto* e cultura de *alto contexto*. Tais conceitos se referem à quantidade de diálogo que é necessária para que uma mensagem seja entendida. Em uma cultura de alto contexto, a linguagem é indireta, e por isso, tem-se uma grande necessidade de levar o contexto em consideração. Já em uma cultura de baixo contexto podemos fazer uso apenas do que está sendo dito, e colocando a situação contextual em segundo plano, pois a linguagem é muito mais direta.

O Brasil é um bom exemplo de cultura de *alto contexto*. Como prova disso, podemos citar o fato de que muitas vezes marcamos um encontro em determinada hora e chegamos ao encontro alguns minutos atrasados ou ainda dizer para alguém “te ligo depois” e não ligar. Se estes tipos de promessas ocorrerem entre brasileiros é muito provável que o ouvinte dessas frases não vá de

fato contar com que seu interlocutor chegue pontualmente no horário combinado ou menos ainda que espere a ligação prometida.

Isso ocorre porque muitas informações são compartilhadas pelos falantes e, por isso, não precisam ser explicitadas na fala. No nosso caso, por fazermos parte de uma mesma cultura, sabemos bem que estas promessas são apenas mecanismos que encontramos para ser gentis, que os horários nunca são tão exatos quanto o combinado, e que o “te ligo depois” muitas vezes é uma maneira de encerrar uma conversa.

Se estas frases, porém, forem ditas a uma pessoa oriunda de uma cultura de *baixo contexto* e que não saiba como nós brasileiros costumamos agir, é bem possível que ela vá creditar em cada palavra que dissemos, e o pior, ao ver que nada daquilo ocorreu, poderá nos interpretar como pessoas irresponsáveis ou até mentirosas.

Hall (1998) relacionou também duas maneiras por meio das quais as sociedades organizam o tempo, nomeando-as de *policrônicas* e *diacrônicas*. Nas culturas *diacrônicas*, nas quais o tempo é tido como monocrômico, a forma de organizar o tempo implica uma maneira de pensar e perceber o mundo em compartimentos estanques; por isso, eventos são agendados separadamente e apenas uma coisa é feita de cada vez. É comum neste tipo de cultura que se dê mais importância aos fatos do que ao contexto e às relações pessoais, uma vez que valorizam tarefas, cronogramas e procedimentos.

Já nas culturas onde o tempo é *policrônico*, os indivíduos têm dificuldade em pensar suas atividades como parte de um conjunto, não se planejam muito e nem consideram primordial seguir o programado, pois são muito mais preocupados com as relações interpessoais. É comum que este tipo de cultura apresente uma estrutura centralizada, isto é, as pessoas não costumam ser proativas e frequentemente esperam de um superior as ordens sobre o que deve ser feito, assim como a solução para os possíveis problemas. Nestas culturas, vários assuntos são tratados ao mesmo tempo, o que tornam os resultados destas tarefas menos eficiente, especialmente quando lidam com qualquer coisa que seja nova ou diferente.

## 3.2

### A teoria de Geert Hofstede e suas dimensões culturais

Os estudos do antropólogo holandês Geert Hendrik Hofstede também foram de grande importância para o interculturalismo. Na década de 70, Hofstede realizou uma pesquisa com funcionários da IBM em 53 países diferentes, pedindo que estes respondessem a um questionário. Suas pesquisas demonstraram como as diferenças culturais influenciam no comportamento das sociedades e consequentemente das organizações.

Em um de seus livros mais importantes, *Culture's Consequences and Cultures and Organizations: Software of the Mind* publicado no ano de 2001, Hofstede define a cultura como a programação coletiva da mente, que envolve paradigmas de pensamento, de emoções e ações, variando entre os indivíduos, mas apresentando alguns elementos comuns, que estão no âmbito da cultura e que envolvem um conjunto de atitudes e valores. Segundo o autor, desde o berço, nossa mente é programada pela cultura em que vivemos, e sofremos reforço dessa programação no decorrer da nossa vida.

O antropólogo acredita que a forma de agir de uma pessoa está parcialmente determinada pelos seus programas mentais. A origem desses programas está no entorno social no qual ela cresce e acumula experiências. Começam na família, continuam no bairro, na escola, nos grupos juvenis, no trabalho e na comunidade na qual vive.

Hofstede (2001) apresenta uma tríade para o programa mental. Na base do triângulo estaria a natureza humana, que por ser universal, nos é inerente. Depois viria a cultura, que é aprendida e específica de um grupo. E no topo, ocupando um espaço bem menor, estaria a personalidade, a qual é peculiar ao indivíduo e adquirida no decorrer da vida. Como podemos observar na figura abaixo:



Figura 1: Três níveis de unidade (Hofstede&Hofstede, 2001, p.4). Tradução livre da autora.

O autor contribuiu de forma relevante para o estudo do interculturalismo designando cinco dimensões culturais, a saber: *distância do poder*; *individualismo vs. coletivismo*; *masculinidade vs. feminilidade*; *controle de incertezas*; *orientação a longo ou curto prazo*.

A *distância do poder* mede a importância que cada cultura dá à hierarquia. Nas sociedades onde há uma grande valorização das diferenças entre as relações de subordinação e superioridade, o índice de distância do poder é grande. Este distanciamento se reflete tanto nas relações de trabalho, quanto nas relações pessoais.

Nas sociedades com pouca distância hierárquica, o uso do poder deve estar legitimado e submetido a critérios sobre o bom e o mau e todos devem ter direitos iguais; além disso, as pessoas com poder não tentam mostrar quão poderosas são. É comum notarmos também que a riqueza, o poder e a posição social nem sempre andam juntos nestes países e há um número maior de indivíduos de classe média. Nestes países, as ideologias políticas dominantes reforçam e praticam a divisão de

poder e a maneira de mudar um sistema político é mudar as regras. Os países de línguas germânicas são bons exemplos de culturas com índice baixo de hierarquia.

Nas sociedades com alto índice de hierarquia ocorre um maior distanciamento social entre as pessoas. O poder está acima do direito: quem ostenta poder tem razão e liberdade para agir. Os poderosos têm privilégios, por isso as pessoas com poder fazem questão de mostrar o quanto são poderosas. A classe média normalmente é pequena e o caminho que a população encontra para mudar um sistema político é mudando os que estão acima.

Um bom exemplo de país com alto índice de distância hierárquica é o Brasil. Em nosso país, podemos ver que a população é dividida e classificada em uma hierarquia de acordo com a posição social exercida pelos indivíduos. Tal divisão hierárquica acontece muito além da estratificação econômico-social, pois é oriunda do nosso perfil cultural já que, devido a nossa colonização monárquica, sempre relacionamos a classe baixa a inferioridade pessoal, conjuntura que não acontece em alguns outros países de cultura com baixo índice de distância hierárquica analisados por Hofstede.

Esta característica explica, por exemplo, o fato de as pessoas quererem sempre mostrar o quanto são importantes através da “carteirada” e do famoso “sabe com quem está falando?”, situações que DaMatta (1983) demonstra tão bem ao analisar os diferentes contextos em que a famosa frase é proferida. Nos países com alto índice hierárquico, riqueza, poder e posição social andam juntos, por isso, a necessidade dos destituídos de poder recorrerem muitas vezes ao *jeitinho* e à *malandragem* assunto sobre o qual nos aprofundaremos no capítulo 4.

Hofstede (2001) também trata de como as pessoas se relacionam ao abordar a dicotomia *coletivismo* versus *individualismo*. Segundo ele, as sociedades coletivistas são aquelas em que prevalece o interesse do grupo sobre o interesse do indivíduo. Nestas sociedades, os membros se sentem responsáveis pelos que estão à sua volta: o grupo protege o interesse dos seus membros e espera destes uma fidelidade constante. O coletivismo caracteriza as sociedades nas quais as pessoas são integradas, desde o nascimento, em grupos fortes e

coesos, que as protegem para toda a vida em troca de uma lealdade inquestionável.

Nas sociedades individualistas, por sua vez, prevalece o interesse do indivíduo sobre o grupo. Assim, o individualismo é uma oposição ao coletivismo. Hofstede afirma que o individualismo caracteriza as sociedades nas quais os laços entre os indivíduos são pouco firmes: cada um deve ocupar-se de si mesmo e da sua família mais próxima.

Segundo a pesquisa do autor, o poder do grupo é predominante na sociedade brasileira. Consequentemente, os interesses coletivos estão acima dos individuais, o que explica a tendência dos brasileiros a manter a harmonia e evitar confrontos diretos. Sempre preferimos a relação interpessoal ao assunto a ser tratado. Por isso, podemos dizer que a nossa cultura apresenta indiretividade, dificuldade em dizer não, em dar e receber críticas, entre outros.

DaMatta (1983) também discorre sobre a relação interpessoal na cultura brasileira e acrescenta que os laços de união tão valorizados em nossa cultura nos remetem a uma “sociedade relacional”. Segundo o autor, essa é uma característica marcante da sociedade brasileira, na qual a relação entre as pessoas funciona também como uma maneira de conseguir regalias e vantagens que não conseguiríamos pelo modo tradicional ou legal. Podemos, de forma exagerada, exemplificar esta característica através do ditado “Aos amigos, tudo. Aos Inimigos, a lei”.

É interessante notar que a dicotomia *coletivismo x individualismo* de Hofstede relaciona-se com a dicotomia de *alto x baixo contexto* de Hall (1998). Assim como nas culturas onde predomina o coletivismo, nas sociedades de alto contexto não há necessidade de grande quantidade de informação explícita, porque o contexto se encarrega de transmitir as informações às pessoas. Em ambas as categorias, indivíduos fazem parte de um grupo, esforçam-se para manter a harmonia, e fazem uso de uma comunicação indireta a fim de não ofenderem seus interlocutores.

As mesmas similaridades ocorrem nas sociedades individualistas e de baixo contexto. Nestas culturas, para que haja sucesso na transmissão da mensagem, é necessário o uso da diretividade. Neste contexto, dizer o que se pensa é típico das pessoas honradas, por isso o assunto a ser tratado prevalece sobre a relação. Os conflitos não precisam ser evitados a todo custo, pois os participantes destas culturas sabem discernir discordância de ofensa. De modo geral, as pessoas têm mais segurança e liberdade para expressar a opinião pessoal e defendê-la.

A dimensão *masculinidade x feminilidade* diz respeito ao grau em que a sociedade encoraja e recompensa comportamentos caracterizados por adjetivos masculinos ou femininos, bem como divisões de papéis por gênero. A *masculinidade* se refere às sociedades em que os papéis sociais do homem e da mulher são claramente diferentes, enquanto a *feminilidade* se refere às sociedades em que estes papéis sociais se misturam. Sobre este assunto, Hofstede (2001) acrescenta que:

Masculinidade define uma sociedade na qual os papéis de cada gênero são claramente distintos: homens devem ser assertivos, fortes e focados no sucesso material; mulheres são supostamente mais modestas, carinhosas e preocupadas com a qualidade de vida). Feminilidade define uma sociedade em que os papéis sociais se sobrepõem: tanto homens quanto mulheres devem ser modestos, ternos e preocupados com a qualidade de vida.”<sup>5</sup>. (p. 297).

Nestas culturas masculinas, os homens costumam mostrar autoafirmação, ambição e dureza, por isso, exaltam-se os fortes e admira-se a agressividade e competitividade. Tudo o que é pequeno e fraco é deplorável. Nestes países, a prioridade máxima é o crescimento econômico e os possíveis conflitos internacionais devem ser resolvidos mediante as demonstrações de força ou enfrentamentos bélicos. Assim, manter e buscar mais qualidade de vida e relacionamento é um aspecto secundário.

Nas sociedades femininas há uma predominância na atenção e no cuidado com os demais. Dá-se uma grande importância às pessoas e às relações calorosas. Neste tipo de cultura, homens e mulheres podem ser carinhosos; as pessoas devem ser modestas e dar ênfase à igualdade, à solidariedade e à qualidade de vida no trabalho; deve-se ajudar os necessitados e há uma tolerância maior às fraquezas.

---

<sup>5</sup> traduzido livremente pela autora

Nestas culturas, dá-se importância aos objetivos sociais, tais como relacionamentos, fraternidade, e preservação do meio ambiente.

No quesito dos padrões de gênero (*masculinidade x feminilidade*), o Brasil obteve uma colocação que nos mostra que o índice de masculinidade não é tão alto, por isso aspectos considerados da essência feminina tais como ternura, relações interpessoais e questões sentimentais estão presentes no comportamento brasileiro.

Na quarta categoria tratada por Hofstede, o autor discorre sobre o *controle de incerteza*, item que procura verificar a inquietude de uma sociedade diante das situações desconhecidas, incertas, ou passíveis de ambiguidade. Esta categoria diz respeito à forma com que cada cultura lida com as incertezas sobre o futuro. Este índice mede a intensidade com que membros de uma dada sociedade tentam lutar contra a ansiedade através da minimização da incerteza. É necessário dizer que a ansiedade ou preocupação sobre o que vai ocorrer não deve ser confundida com medo, pois diferentemente do medo, a ansiedade não tem objeto. Os indivíduos destas culturas necessitam de previsibilidade e existência de regras, leis, planejamentos e cronogramas. Tais elementos os ajudam na redução de ambiguidades e incertezas sobre o futuro. Evitar incertezas para estas culturas seria, portanto, um meio de evitar *stress*.

Nos países com baixo controle de incerteza os níveis de ansiedade são baixos. Eles não são guiados pelo relógio e encaram o tempo apenas como um marco de orientação. Nestas culturas a exatidão e a pontualidade não são naturais, ao contrário, a prática destes princípios, quando ocorrem, são aprendidas no decorrer da vida. As pessoas parecem ser tranquilas, pois o *stress* é interiorizado. Para eles, a incerteza faz parte da vida, por isso, há tolerância em relação às ideias que se afastam das normas. Nestes países, a agressão e as emoções não devem ser demonstradas, assim como não deve haver normas além do necessário.

Nas culturas com alto controle da incerteza, a dúvida é percebida como uma ameaça a ser combatida continuamente. Estes tipos de sociedades tendem a preferir regras e circunstâncias muito bem estruturadas. Pode-se observar uma clara supressão das ideias desviantes e, conseqüentemente, uma considerável

resistência à inovação. A agressão e as emoções devem diluir-se em momento e lugar apropriados. Há uma necessidade emocional de normas, mesmo sendo ineficazes. Para eles o tempo é ouro e a exatidão e pontualidade ocorre de forma natural. Nestas culturas é comum a presença de ambientes extremamente organizados, com locais exatos para a execução de uma tarefa e com muitas regras a serem obedecidas.

A categoria de *orientação a longo* ou *curto prazo* descreve a importância que cada cultura dá ao presente, ao passado e ao futuro. As culturas que têm uma orientação a longo prazo, como a China e o Japão, costumam mostrar-se mais persistentes, ainda que seja necessário um período de tempo maior para a obtenção dos resultados. É comum nestes países que as taxas de poupança sejam elevadas e que se tenham fundos disponíveis para investimento. Os indivíduos destas sociedades sentem vontade de sujeitar-se a um fim. Há um grande respeito às obrigações sociais e de posição dentro de limites. Costumam também adaptar as suas tradições a um contexto moderno.

Em sociedades em que a orientação é de curto prazo, esperam-se resultados rápidos. Há ênfase na estabilidade social, mesmo que isso suponha gastos excessivos, pois pessoas naturais destes países geralmente se sentem desconfortáveis quando em posição de inferioridade social. Além disso, é comum nestes países vermos também respeito às tradições e preocupação com o cumprimento dos requisitos da virtude. Por isso, há preocupação com a dignidade e a posse da verdade.

Como podemos observar até aqui, a obra de Hofstede (2001) foi baseada em uma sólida pesquisa, mostrando que todas as sociedades humanas compartilham questões fundamentais, comuns a diferentes grupos sociais: a desigualdade, a solidariedade do grupo, os papéis desempenhados por cada sexo, a incerteza em relação ao futuro e a gratificação de necessidades.

Hofstede (2001) acredita que todos os seres humanos têm a capacidade de sentir medo, raiva, amor, alegria, tristeza, a necessidade de unir-se aos outros, de brincar e exercitar-se, de observar o entorno e falar sobre ele com outros seres humanos, etc. Segundo o autor, essas aptidões fazem parte de sua natureza

humana, contudo a forma com que cada pessoa expressa tais emoções depende de sua cultura.

### 3.3

#### O Modelo de Richard Donald Lewis

O linguista britânico Richard Donald Lewis aborda questões que serão de grande importância para esta pesquisa. Lewis inicia seu livro *When Cultures Collide* (2006) com indagações acerca da cultura que nos ajudam a compreender melhor a nós mesmos e, conseqüentemente, às pessoas ao nosso redor: Qual é a minha cultura? Qual é a sua cultura? Como a cultura afeta a nossa vida? Sem dúvidas, refletir sobre estes questionamentos é a mola propulsora para entendermos melhor as diferenças culturais.

Lewis (2006) acredita que a cultura é reflexo de um condicionamento cultural e que todas as nossas ações são influenciadas pela cultura na qual estamos inseridos. Inclusive, este condicionamento cultural, que será diferente em cada sociedade, é o que distingue os membros de cada grupo.

Para o linguista, a cultura determinaria todos os aspectos de nossa vida e influenciaria, por exemplo, como damos e recebemos informação; tomamos decisão; lideramos; lidamos com a autoridade; trabalhamos em equipe; usamos o tempo e o espaço; e, o mais relevante para esta pesquisa, como interpretamos o mundo ao nosso redor. Sendo assim, podemos concluir que, para o autor, as atitudes não são aleatórias, são influenciadas por tendências e tradições.

Embora haja sempre exceções dentro de um mesmo grupo, não há como negar que, quando se trata do comportamento de determinada cultura, existem muito mais semelhanças do que diferenças. Tais semelhanças comportamentais são possíveis porque cada cultura compartilha de crenças e de conceitos básicos.

Para Lewis (2006), a cultura é um modo de ver o mundo compartilhado por pessoas de uma mesma região, grupo, religião, gênero. As diversidades entre

as culturas ocorrem porque cada uma vê os conceitos sob perspectivas diferentes. Ou seja, diferentes culturas têm os mesmos conceitos, mas cada uma tem a sua maneira própria de vivenciá-los. Estas diferenças de pontos de vista podem nos levar a interpretar certas atitudes como irracionais, porém o autor deixa bem claro que todos são racionais quando enfocados de prismas diferentes. Além disso, Lewis acrescenta que o conhecimento das características básicas de certas culturas pode minimizar futuras situações desagradáveis.

Lewis (2006) garante que não há nenhum risco de perdermos nossa identidade ao tentarmos desenvolver uma competência intercultural. Para ele, podemos nos comportar de acordo com cada cultura, mas a nossa essência cultural permanece intocável e protegida. Nosso cérebro se condiciona culturalmente nas idades iniciais. Logo, podemos adaptar o nosso comportamento, mas não o nosso pensamento. Sendo assim, não há risco de esquecermos quem somos, como afirma Lewis (2006):

Podemos nos tornar franceses ou gregos por uma noite, podemos sentar em um tatame com colegas japoneses e comer uma perna de cordeiro com uma das mãos entre os árabes. Mas o que se passa em nossa mente permanece privado, uma constante bem protegida. Podemos expor às outras pessoas, mas seguimos o nosso próprio programa silencioso (p. 3).<sup>6</sup>

O linguista defende que, ao considerar determinada cultura como normal, automaticamente consideram-se todas as diferenças como anormais. Para que haja um melhor entendimento, é necessário que se entendam as características de sua própria cultura, bem como a natureza subjetiva dos nossos valores éticos. Não só fazemos pressuposições a respeito dos outros sob nosso ponto de vista, como também pressupomos o que eles supostamente pressupõem de nós. Lewis (2006) exemplifica estas situações no trecho a seguir:

Finlandeses consideram italianos extremamente emocionais porque eles agitam os braços enquanto falam. Espanhóis consideram suíços asfixiantes e extremamente regrados. Italianos, cheios de vida, consideram noruegueses frios. Vietnamitas, influenciados pelos franceses, acham os japoneses passivos. A maioria dos sul-americanos considera argentinos soberbos. Alemães veem australianos como indisciplinados. Japoneses consideram rude o modo direto de falar dos norte-americanos.<sup>7</sup> (p.21)

---

<sup>6</sup> Tradução livre da autora.

<sup>7</sup> Tradução livre da autora.

Embora possa haver algum fundo de verdade nessas pressuposições, devemos considerar que nem tudo é tão óbvio quanto parece ser. Para melhor compreender a lógica interna de cada cultura e, conseqüentemente, nos comunicarmos de uma maneira mais eficaz, Lewis criou um modelo que classifica as culturas em três categorias:

- 1- **Multiativas** - culturas em que as pessoas seriam mais relaxadas, emotivas, impulsivas, calorosas, falantes e flexíveis. Sociedades nas quais o coletivismo é mais enfatizado e as relações pessoais e a família são colocadas acima de aspectos como trabalho, poder, resultado. Como exemplo desta cultura, podemos citar o Brasil.
- 2- **Linear-ativas** – culturas em que as pessoas tendem a ser metódicas, baseiam-se em fatos, valorizam a organização e a pontualidade, planejam, são mais frias, enfatizam a importância da individualidade de cada um, e seguem as regras. Como exemplo de uma sociedade como esta, podemos citar a Alemanha.
- 3- **Reativas** - culturas onde as pessoas são boas ouvintes, têm respeito pelo próximo, são corteses, amáveis, comprometidas. Dão grande importância à paciência e prezam muito a face. Um bom exemplo desta cultura é o Vietnã.

No quadro a seguir, Lewis (2006) apresenta e organiza graficamente as três categorias de tipos culturais:

Tipos de Cultura: O Modelo de Lewis  
 Variações **Multiativa**, **Ativo-Linear** e **Reativa**

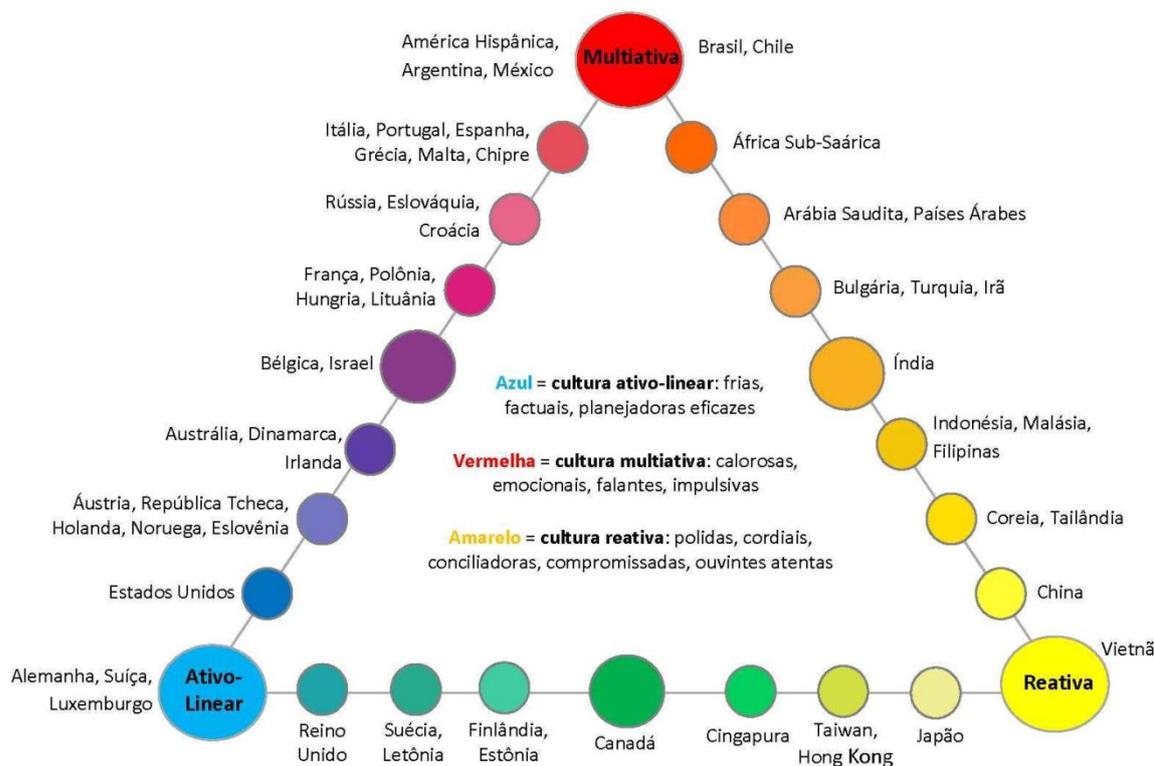


Figura 2 – Triângulo de Lewis. Tradução livre da autora.

Lewis faz também distinção entre as culturas guiadas pela informação e pelo diálogo. Culturas que se baseiam nas informações são as culturas que se atêm apenas aos fatos, para isso fazem uso de pesquisas. Só após obterem todas as informações necessárias, estas pessoas sentem-se seguras para tomar decisões e agir. Como exemplo deste tipo de cultura, podemos citar a Alemanha, os Estados Unidos e a Suíça.

As culturas orientadas pelo diálogo são aquelas que não precisam pesquisar porque as informações necessárias são obtidas de maneira informal através da convivência com diferentes grupos (família, trabalho, amigos). Antes de tomar uma decisão, as pessoas já têm diversas informações adquiridas através de conversas informais, fofoca e perguntas acerca de um determinado assunto. Este é o caso dos indianos, portugueses e brasileiros.

Há uma grande semelhança entre as pessoas orientadas pelo o diálogo e as multiativas, pois é através do convívio com outras pessoas que os indivíduos destas culturas terão acesso a vários tipos de informação. Para eles, agenda e

cronograma não são úteis, já que não levam em consideração as possíveis reações, divergências e contratempos que possa haver durante o dia. Este tipo de cultura utiliza-se dos relacionamentos interpessoais para resolver os seus problemas.

Mais uma vez, podemos notar várias similaridades entre as categorias estudadas anteriormente por Hall e Hofstede com as categorias de Lewis. Embora cada autor utilize uma nomenclatura própria para a categorização das culturas, de maneira geral, podemos dizer que suas propostas a respeito das culturas estudadas são razoavelmente semelhantes.

A cultura *multiativa* de Lewis, orientada para o diálogo, está não só diretamente ligada às categorias de *alto contexto, indireta e policrônica* abordadas por Hall, como também às categorias do *feminismo, coletivismo, baixo controle de incerteza, alto índice hierárquico*, tratados por Hofstede.

De forma análoga, a cultura *linear*, orientada pela informação, tem várias similaridades com a cultura de *baixo contexto, direta e monocrômica* de Hall, bem como com o *individualismo, masculinidade, alto controle de incerteza e baixo índice hierárquico* de Hofstede.

Vimos até aqui que a categorização de uma cultura é muito importante para as relações sociais. Através dela podemos não só prever os padrões de comportamento de uma cultura, como também compreender melhor o motivo pelo qual os indivíduos agem de determinada maneira. Acreditamos que ao assimilarmos questões ligadas a nossa cultura e a cultura dos outros podemos entender questões cotidianas que muitas vezes nos passam despercebidas, como quais são as origens das imagens ligadas ao Brasil e como tais imagens podem ser entendidas de maneira errônea por um turista estrangeiro.

Para concluir ressaltamos que é só a partir de um olhar atento de nossa própria cultura e da cultura do outro que podemos trabalhar as diferenças e as más interpretações dos costumes de um país de maneira mais eficaz.

### 3.4

#### Os Estereótipos e Generalizações segundo Milton Bennet

Muitas das vezes, ao se debater a questão das diferenças culturais, surge a alegação de que se está estereotipando ou generalizando uma cultura. Alguns

teóricos fazem críticas a estes modelos de categorização, pois discordam da suposição de que generalizações acerca da cultura possam trazer algum benefício. Isto porque percebem cada pessoa como um indivíduo. Assim, consideram preconceituoso o julgamento dos indivíduos a partir de uma perspectiva coletiva, como por exemplo, um julgamento tendo como base apenas a nacionalidade.

É importante ressaltar que as peculiaridades comuns a grupos só são consideradas preconceituosas se entrarem no âmbito da agressividade ou da discriminação. Desta maneira, apenas reconhecer características sociais, culturais ou até mesmo de ordem física não representa preconceito. Neste caso, estes aspectos denotam apenas costumes, comportamentos de determinados grupos ou até a aparência de povos de determinadas regiões.

Para Milton J. Bennett (1998), autor americano sobre o qual nos aprofundaremos a seguir, os estereótipos surgem a partir das semelhanças de características que um grupo compartilha e o que vai determinar se estes estereótipos são positivos ou negativos é a postura do observador diante delas:

Os estereótipos surgem quando nós agimos como se todos os membros de um grupo ou sociedade compartilhassem as mesmas características. As características podem ser respeitadas pelo observador, neste caso chamado de estereótipo positivo. Nos casos em que tais características são desrespeitadas, isto é chamado de estereótipo negativo. Nos dois casos os estereótipos são problemáticos para a comunicação intercultural (Pág.4).

Os estereótipos podem estar ligados a qualquer indicador de membros de um grupo tais como raça, religião, idade, gênero e cultura nacional. As características que são compartilhadas pelo grupo podem ser respeitadas pelo observador, o que chamamos de estereótipo positivo. Muitas vezes tais características são desrespeitadas, dando origem aos estereótipos negativos. Os estereótipos, nestes dois casos, podem ser problemáticos na comunicação intercultural por várias razões. Uma delas é que eles podem nos dar uma falsa sensação de que podemos facilmente compreender o comportamento das pessoas de uma cultura diferente da nossa. De fato, se o estereótipo é positivo ou negativo, normalmente ele está apenas parcialmente correto. Além disso, os estereótipos podem se tornar profecias autorrealizáveis, onde observamos outros de maneira parcial, já inclinada a confirmar os nossos preconceitos.

Apesar do risco dos estereótipos, é necessário, para o entendimento do comportamento humano fazer generalizações. Correta ou incorretamente, as propriedades coletivas são associadas ao povo de cada país: como por exemplo, dizemos comportamento “tipicamente brasileiro”, ou “tipicamente japonês”. O

uso da nacionalidade como critério é uma questão de conveniência, porque é imensamente mais fácil obter dados de nações do que de grupos reduzidos.

Acreditamos ser ingênuo acreditar em um individualismo demasiado e assumir que uma pessoa age de maneira completamente desligada do meio no qual está inserido. Generalizações culturais podem ser feitas, evitando-se assim os estereótipos, e mantendo-se a idéia de preponderância de atitudes.

Quase todos os comportamentos são possíveis de serem apresentados em todas as culturas, mas cada cultura diferente tem preferência por alguns comportamentos em detrimento a outros. A descrição dessa preferência, através da pesquisa de um grupo grande, é o que podemos chamar de uma generalização cultural. Claro que em todas as culturas encontraremos indivíduos com características semelhantes a uma cultura diferente da sua, mas estas pessoas não representam a maioria, ou a "tendência central" do grupo.

É importante deixar claro que as generalizações culturais devem ser utilizadas como hipóteses de trabalho flexíveis e não como categorias fixas. Assim sendo, precisam ser testadas em cada caso. Às vezes elas funcionam muito bem, outras precisam ser modificadas, e às vezes não se aplicam ao caso em particular.

Embora os três autores do interculturalismo tratados neste trabalho acreditem que cada indivíduo tem as suas características próprias, podemos dizer que, de modo geral, a essência comportamental de pessoas pertencentes à mesma cultura não difere tanto. Ou seja, embora haja sempre exceções, não há como negar que, quando se trata do comportamento de uma determinada cultura, existem muito mais convergências do que divergências. Portanto, mesmo que as generalizações não sejam eficazes ao se tratar de indivíduos, quando se tratam de grandes números, elas são.

Pode-se dizer que Hall, Hofstede e Lewis conseguiram com suas pesquisas elaborar um mapa de categorização de culturas a partir das características apresentadas pelos indivíduos no que tange as suas nacionalidades, oferecendo-nos, assim, uma orientação acerca da cultura de diversos países.

Entendemos que as caracterizações propostas por eles podem nos ajudar na compreensão de certos fatos de origem cultural. Mais do que confirmar ou negar as descobertas dos autores citados anteriormente, pretendemos aqui utilizar, de forma adaptada, algumas das dimensões definidas em suas pesquisas.

É importante que deixemos claro aqui que todas as nuances citadas pelos autores podem envolver situações complexas, e não raramente, mistas, em que duas características a princípio dicotômicas podem ser encontradas simultaneamente na mesma cultura. Por isso, nossa tentativa nesta pesquisa não é rotularmos em definitivo um determinado grupo, ou pessoa.

Acreditamos que a tentativa de detectar tendências mais efetivas em uma determinada cultura pode ser feita com sucesso. E é a partir destas tendências que trabalhamos. Utilizamos então, na nossa análise de dados, a classificação de cultura elaborada por Lewis. Estas nos servem como um instrumento de investigação na análise cultural dos delitos cometidos por estrangeiros no Brasil.

O americano Milton J. Bennett, um dos maiores estudiosos sobre as culturas dos povos, propõe uma análise do ponto de vista da interação entre as pessoas. Bennet (1998) desenvolveu uma escala que descreve as diferentes formas em que as pessoas podem reagir a diferenças culturais. Segundo o autor, passamos por seis estágios de percepção de diferenças culturais. As três primeiras etapas são etnocêntricas, ou seja, o indivíduo vê sua cultura sob o prisma das suas experiências, sendo assim, acredita que ela seja o centro da realidade. Nesta fase, as crenças e comportamento que as pessoas receberam nas suas primeiras socializações são inquestionáveis, em outras palavras, pode-se dizer simplesmente que “as coisas são assim e ponto”.

Onde há uma visão extremamente Etnocentrista – na qual o homem vê o mundo através de sua cultura - é provável que o indivíduo considere o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural. Durante esta etapa, nos deparamos com três fases de percepção das diferenças culturais. São elas:

- 1- **Negação** – é o estágio em que a própria cultura é tida como a única real, sendo assim, as crenças, comportamentos e valores que fazem parte daquela cultura são legitimados como verdadeiros e inquestionáveis. As pessoas nesta posição normalmente não se interessam por questões ligadas às diferenças culturais e, em casos mais extremos, quando confrontadas com a diferença, pode haver tentativas agressivas para evitá-las ou eliminá-las.
- 2- **Defesa** – é o estágio em que o indivíduo vê sua própria cultura como a melhor maneira de viver. Para as pessoas nesta posição, o mundo é dividido de uma forma dualista entre “nós” (de uma cultura superior) e

“eles” (de uma cultura inferior). Nesta fase, as pessoas já conseguem enxergar algumas diferenças culturais, e costumam construir estereótipos negativos. As pessoas nesta posição são mais facilmente ameaçadas pelas diferenças culturais e, conseqüentemente, mais estão propensas a agir agressivamente contra elas.

- 3- **Minimização** – a minimização das diferenças culturais é o estágio em que a experiência de similaridade supera a experiência da diferença e os elementos de uma cultura são tidos como universais. Por conseguinte, as diferenças são neutralizadas ao submetê-las a uma ideia de similaridade biológica - o que levaria às mesmas necessidades e motivações. As pessoas reconhecem as diferenças culturais superficiais - como alimentos, costumes, etc. - mas enfatizam a semelhança humana, tais como a estrutura física, as necessidades psicológicas e os valores universais. Pessoas nesta posição costumam acreditar que elas não são mais etnocêntricas e geralmente superestimam sua tolerância.

Após passar por estas etapas, o indivíduo desenvolve um ponto de vista mais relativo, e assim, passamos a enxergar as crenças e os comportamentos de alguém como apenas uma organização da realidade dentre as várias possíveis. A este processo, o autor deu o nome de etnorelativismo. Bennet acredita que, ao aceitarmos a relatividade das coisas, ficamos mais preparados pra experimentar um mundo organizado por diferentes valores.

Cada posição ao longo do continuum representa uma organização cada vez mais complexa de percepção das diferenças culturais, **que por sua vez permitem experiências cada vez mais sofisticadas de outras culturas**. Nesta etapa temos mais três fases:

- 4- **Aceitação** – A aceitação das diferenças culturais é o estado em que a própria cultura de um indivíduo é tida como sendo apenas uma das muitas visões de mundo. Ao discriminar as diferenças entre as culturas e ao construir um espécie de perspectiva autorreflexiva, pessoas com esta visão de mundo são capazes de enxergar os outros como diferentes, mas ainda assim humanos. Pessoas nesta posição aceitam a existência de formas culturalmente diferentes de organizar a existência humana, embora não

necessariamente gostem ou concordem com tudo. Eles podem identificar como a cultura afeta uma enorme área da experiência humana.

- 5- **Adaptação** – A adaptação às diferenças culturais é o estágio em que as diferenças de outras culturas leva a percepção e comportamento adequado àquela cultura. Aqui, os indivíduos são capazes de expandir suas visões de mundo com precisão, compreender outras culturas e se comportar em uma variedade de maneiras culturalmente apropriadas. Utiliza-se de maneira eficaz a empatia para compreender e ser compreendido através de fronteiras culturais.
- 6- **Integração** – é a fase em que a experiência de si mesmo é expandida para incluir diferentes visões de mundo. As pessoas nesta posição têm uma definição de si mesmas que é "marginal" (não central) a qualquer cultura particular.

O autor defende que, devido às diferenças que existem entre todos nós, acabamos por nos eliminar. Sendo assim, para que todos convivam em paz é essencial a aprendizagem intercultural. Cada vez é mais importante que desenvolvamos habilidade intercultural para podermos lidar mais facilmente com culturas diferentes e podermos viver em sociedade de maneira mais harmoniosa.

Assim como os autores citados anteriormente, Bennett também acredita que é muito importante que as pessoas entendam a si próprias e como dão significado a suas formas de comunicação, pois só a partir de então conseguem criar significados que façam sentido para todos.

Sendo assim, em uma situação, por exemplo, em que haja diferenças culturais entre duas pessoas, elas precisam entender quais diferenças são essas para daí saber como elas afetam a interação entre si. Só a partir de então conseguirão chegar a um ponto em que seus comportamentos e características sejam entendidos de maneira eficaz, tornando então o relacionamento bem sucedido.

Veremos, ao analisar as matérias jornalísticas presentes no corpus de nossa pesquisa, que muitos delitos cometidos por estrangeiros em território brasileiro aconteceram porque tais turistas não conseguiram passar do estado etnocêntrico. Sendo assim, não foram capazes de compreender aspectos de nossa cultura e tal dificuldade pode ter sido um dos fatores para a infração cometida.

## 4

### **Contextualização da sociedade brasileira**

Tratamos neste capítulo de aspectos culturais ligados ao Brasil que acreditamos ser de suma importância no que se refere ao entendimento ou mau entendimento de questões ligadas à nossa cultura. Para isso, tomamos como base os estudos realizados pelo antropólogo brasileiro Roberto DaMatta, que pesquisou sobre os dilemas e as contradições presentes na cultura brasileira. O autor revela o Brasil, os brasileiros e sua cultura através de nossas manifestações religiosas, costumes, desfiles carnavalescos, paradas militares, leis e regras (inclusive quando desobedecidas)

#### **4.1**

#### **Carnaval, Jeitinho e Malandragem: Categorias como elementos paradigmáticos a ação moral.**

De seus estudos damos um enfoque à questão da malandragem, do jeitinho e da liberdade presente principalmente em nosso carnaval, pois acreditamos que esses elementos são imprescindíveis para entendermos não só a essência do povo brasileiro como também as possíveis causas das más interpretações por parte dos turistas acerca da nossa cultura.

Assim como DaMatta (1997), consideramos a liberdade, a malandragem e o jeitinho brasileiro como elementos centrais já incorporados na nossa sociedade e que coexistem em equilíbrio com as leis da ética oficial. Partimos do princípio de que tais aspectos culturais existem enquanto uma categoria nativa e de identidade social e nacional que identifica certos mecanismos e zonas situados entre o legal e o ilegal.

Ao analisarmos a nossa história, percebemos que estes mecanismos fazem parte dos domínios urbanos e impessoais da sociedade brasileira. Eles nascem justamente da interseção entre as regras impessoais do nosso sistema e a personalidade tão presente na nossa essência brasileira.

Consideramos pertinente ressaltar que, para entendermos qualquer aspecto sobre nós brasileiros, é importante que tenhamos em mente que a cultura brasileira é permeada por uma ambiguidade ética em que a definição de honesto, esperto, corrupto, otário, apropriado ou inapropriado vai depender muito mais da situação do que do comportamento em si. O jeitinho, a malandragem e a liberdade tão visível no carnaval carregam consigo esta maleabilidade existente na nossa sociedade.

Ao discorrer sobre o Brasil, Lewis (2006) diz que os estrangeiros devem aceitar o fato de que para nós, brasileiros, a verdade aparece de muitas maneiras. “Accept the fact that the truth appears in many guises” (Lewis, 545). Isso quer dizer que aqui não há uma verdade, mas várias, e que ela será sempre relativa e dependente do contexto no qual está inserida. Este assunto remete à questão da relatividade tão presente na cultura brasileira e que será de grande importância para o entendimento das categorias que serão tratadas a seguir.

## 4.2

### **O jeitinho e a malandragem brasileira**

Para contextualizar e entender um pouco da imagem construída socialmente e culturalmente legitimada sobre o Brasil, vamos recorrer ao diálogo com alguns clássicos das ciências sociais e do pensamento brasileiro, notadamente Roberto DaMatta em suas discussões sobre o jeitinho brasileiro, a malandragem e o carnaval; e Sérgio Buarque de Holanda, em sua discussão acerca da cordialidade do brasileiro e outros autores como Salvadori, Livia Barbosa, Schwarcz que conseguem nos trazer contribuições significativas para pensarmos a questão do malandro e do jeitinho brasileiro.

Segundo Salvadori (1996), o malandro tem origem em outro ator social importante, o capoeira, sendo um indivíduo que, no contexto da escravidão, procura ter um mínimo de autonomia e decisão sobre a própria vida.

Observando a dualidade brasileira, DaMatta (1986) problematiza a questão da casa e do trabalho, no qual o espaço da casa se caracteriza como o das relações familiares, da tranquilidade e do compartilhamento de intimidade, ao contrário do espaço do trabalho, entendido como o espaço da concorrência, da luta e da

deslealdade quase como um castigo. Dessa dualidade enseja-se uma concepção de trabalho como castigo, no qual o recurso à malandragem torna-se uma estratégia.

Seguindo a linha de raciocínio que encontramos em DaMatta (op. Cit), seria típica da formação social brasileira a capacidade de misturar elementos a princípio dicotômicos (casa e rua, por exemplo) e descobrir neles um ponto central. Conseguimos com muita facilidade trabalhar na área do ambíguo, retiramos o que há de positivo em cada um destes elementos contrários e encaramos interseção com algo positivo, e conseguimos de forma natural exaltar o honesto e o malandro, pois não os vemos como figuras contrárias, mas complementares.

Parte desta concepção dualista é retomada na cultura brasileira através do carnaval, período no qual podemos viver fantasiosamente algumas proibições, pois estas nos são permitidas. Assim, podemos viver entre a liberdade total do carnaval com seu excesso de desordem, e as leis autoritárias, com seus excessos de prescrições impessoais que fazem parte do nosso cotidiano.

DaMatta entende a malandragem e o jeitinho como maneiras pacíficas de resolver problemas. O antropólogo (1986) define o jeitinho como “a junção do pode com o não pode.” (p. 100) e defende que “é essa junção que produz todos os tipos de jeitinhos e arranjos que fazem com que possamos operar em um sistema legal que quase sempre nada tem a ver com a realidade social” (p. 100-101).

Para Da Matta (op. cit), o jeitinho trata-se de um mecanismo de burla, um processo que coloca normas sempre cheias de burocracias a serviço próprio. Desta forma, o jeitinho brasileiro configura-se como uma mediação entre a norma- o que deveria ser cumprido, e o problema que a norma coloca- entendido aqui como o excesso de burocracia tão comum na sociedade brasileira.

É importante pensarmos o jeitinho, a malandragem e a liberdade, que se concretiza de maneira ainda mais intensa no carnaval, como um resultado de processos histórico-culturais.

No campo das Ciências Sociais, alguns estudiosos como Livia Barbosa (1992), sustentam que o surgimento do *jeitinho* e da *malandragem* nada mais é do que a consequência da imposição de uma cultura formalista, pautada na lei proveniente da monarquia portuguesa, que por tanto tempo perdurou no nosso país, e da igreja católica, conhecida por seus dogmas. Sendo assim, tais categorias

seriam um resultado legítimo da construção popular, e a transgressão seria consequência do mau funcionamento de instituições ético-legais.

### 4.3

#### As origens do Malandro

Schwarcz (1995) já destaca que as imagens brasileiras associadas à malandragem estavam presentes desde a clássica obra *Macunaíma*<sup>8</sup>, de autoria de Mário de Andrade e é reificada em 1942 pela *Walt Disney* através do personagem *Zé Carioca*<sup>9</sup>, que introduziu o Pato Donald em terras brasileiras, e o levava para tomar cachaça e dançar samba, atuando como uma síntese da cultura local apresentada ao estrangeiro. Ao mesmo tempo, a imagem do Brasil como a terra do samba fora apresentada ao público norte-americano através da imagem de Carmen Miranda. Segundo a autora, foram elaborados sinais diacríticos que apontavam para a formação da identidade brasileira mestiça e, neste sentido, diferente do resto do mundo. Com isto, associam-se ao imaginário brasileiro o samba, a capoeira, o candomblé, a mulata e o malandro como ícones nacionais.

Acerca da malandragem existiam, segundo Schwarcz (1995), duas imagens contraditórias. A primeira delas associou malandragem à falta de trabalho e ociosidade, potencializando a criminalidade. E a segunda, que imperou, apontava o malandro como um sujeito bem humorado, sambista, apreciador do futebol, reintroduzindo novamente a partir dos anos 1950 na perspectiva de Gilberto Freyre de que no Brasil tudo tende a se adaptar e amolecer.

Outros ângulos de análise de pensadores clássicos também oferecem contribuições para pautarmos a questão da identidade nacional. Sérgio Buarque de Holanda em 1936 lançou seu livro clássico, *Raízes do Brasil*, no qual o capítulo chamado “o homem cordial” contribui significativamente para o entendimento das

---

<sup>8</sup> *Macunaíma* é a obra clássica de Mário de Andrade, escrita em 1928, escrita em tom cômico, retratando um herói (anti-herói) cuja principal frase é “Ai, que preguiça!”. Antônio Cândido (1993) afirma que o malandro conquistou a categoria de símbolo do Brasil a partir desta obra.

<sup>9</sup> O personagem José Carioca, mais conhecido como Zé Carioca, foi criado nos 1940 pelos estúdios de Walt Disney, num esforço de aproximação com os países aliados, no contexto da Segunda Guerra Mundial, no que ficou conhecido como Good Neighbor Policy (Política da Boa Vizinhança). Se tratava de um papagaio que representava malandragem brasileira, sempre conseguindo resolver seus problemas com um “jeitinho”.

relações sociais. Diferentemente do que possa supor o senso comum, para este autor, a concepção que fundamenta a cordialidade brasileira eram as relações que se fundamentavam na intimidade, na falta de formalismo.

Sérgio Buarque de Holanda estava, junto com outros autores, preocupado em entender a modernização brasileira, a transição da vida rural para vida urbana, e chegou à conclusão de que a herança do patriarcalismo e do paternalismo ibéricos não explicaria por si mesma a indissociação entre o público e privado. Esta imagem do homem cordial, que se fundamenta na afetividade e na relação pessoal, ocorre em situações onde a relação deveria ser pessoal e burocrática, ou seja, inverte-se a lógica de valores em espaços onde o pressuposto das relações sociais deveria ser a não emotividade.

Schwarcz (1995) retoma a discussão do homem cordial, aproximando a questão da obra de Antônio Candido, e a dialética da malandragem, na qual a hierarquia seria apenas uma aparência, e na qual tudo seria ao mesmo tempo burla e sério, licito e ilícito, verdadeiro e falso, o malandro reinaria de forma absoluta.

Ora, se a liberdade, a malandragem e o jeitinho brasileiro são apresentados como os principais expoentes da cultura nacional, produtos genuinamente tupiniquins, embora alvos de discordância entre especialistas, acreditamos que os delitos e infrações cometidos por uma parcela de turistas podem estar envolvidos nesta forma de percepção da sociedade.

#### 4.4

#### **Jeitinho como mecanismo de adaptação**

Uma questão que será levada em consideração nesta pesquisa e que permeia várias teorias a respeito do assunto é a hipótese de que as atitudes desviantes tão presentes em nossa cultura sejam reflexos da necessidade de adaptação à desigualdade socioeconômica e do abandono do poder público que o Brasil tem enfrentado. Acerca disso, Alvim e Nunes (2012), ao questionarem o papel do jeitinho na cultura brasileira, respondem que “historicamente, o brasileiro vem confundindo o conceito de cidadania com o de favores;

politicamente a população absorveu muitos deveres a serem cumpridos e poucos direitos a serem usufruídos” (p. 3).

A pobreza, as desigualdades sociais e a concentração de renda são características da formação econômica e social do continente latino-americano e da peculiaridade do capitalismo gestado nesta região. Desta forma, o brasileiro vive em um contexto social em que não basta ser honesto e trabalhador para ser bem sucedido, uma vez que as leis muitas vezes só servem para prejudicar os mais fracos. Desta forma, numa análise que articula a perspectiva econômica e cultural, a malandragem surge como uma forma de resistência diante da exploração e expropriação à qual a população é submetida.

Ao discorrer sobre nossa sociedade, DaMatta (1986) aponta que:

Por tudo isso, não há no Brasil quem não conheça a malandragem, que não é só um tipo de ação concreta situada entre a lei e a plena desonestidade, mas também, e, sobretudo, é uma possibilidade de proceder socialmente, um modo tipicamente brasileiro de cumprir ordens absurdas, uma forma ou estilo de conciliar ordens impossíveis de serem cumpridas com situações específicas e – também – um modo ambíguo de burlar as leis e as normas sociais mais gerais. (p.105)

Sobre o mesmo tema, a antropóloga Lívia Barbosa (1992), em seu livro *O jeitinho brasileiro*, destaca que o jeitinho e a malandragem funcionam como uma espécie de mecanismo de adaptação às situações perversas da sociedade brasileira. DaMatta acrescenta ainda que “o jeito é um modo simpático, desesperado ou humano de relacionar o impessoal com o pessoal. (1986, p. 101).

Ou seja, uma parte da malandragem e do uso do jeitinho relaciona-se com a maneira que parte da população encontra para adaptação e sobrevivência ao ambiente hostil, sobretudo em termos de oportunidade e da igualdade para além do aspecto formal, sempre presente em nossa sociedade. Por esta razão, este tipo de comportamento de violações ético-legais é tido por nós como socialmente aceitável, pois, na maioria das vezes, se justifica. Para nós, o justo não é estabelecido pela lei, mas pela necessidade. Logo, o jeito não é visto como corrupção, mas como relação pessoal. Em outras palavras, podemos dizer que para nós o jeitinho é reflexo da sobreposição de questões de afetivas e pessoais às leis impessoais.

Roberto DaMatta (1986) assinala que o dilema brasileiro reside justamente no desequilíbrio entre as leis universais onde o sujeito é o indivíduo (em oposição a pessoa) e situações onde cada um se salva como pode utilizando-se de relações pessoais, para quem as tem:

O dilema brasileiro residia de numa trágica oscilação entre o esqueleto nacional feito de leis universais cujo sujeito é o indivíduo e situações onde cada qual se salvava e se despachava como podia, utilizando para isso o seu sistema de relações pessoais (p. 97).

Observamos também que as leis, no Brasil, parecem não ser pautadas apenas no conceito de certo e errado, existindo uma gradação entre estes conceitos. É como se no Brasil houvesse uma escala para os delitos, no qual a justiça brasileira muitas vezes aceita o mais ou menos e as gradações hierárquicas, por isso, cada delito parece ter um peso. Sobre este assunto, DaMatta (1986) ressalta que:

É precisamente esta possibilidade de gradação que permite a interferência das relações pessoais com a lei universal, dando-lhe – em cada caso – uma espécie de curvatura especial que impede a sua aplicabilidade universal que tanto clamamos e reclamamos (p. 100).

Vemos que em alguns casos os crimes admitem um grau de execução, e este grau na maioria dos casos observados será sempre inversamente proporcional à posição social que este indivíduo tem na sociedade. Assim, não são raras as situações em que o povo brasileiro pode verificar que quanto mais rico ou poderoso é quem cometeu o delito, mais leve este delito muitas vezes é considerado. Com muita frequência, vemos um recorte de classe que no Brasil aponta a regra e sua impessoalidade, rigor, e violência, tanto simbólica quanto física, para as camadas menos favorecidas, pois aqueles com maior poder aquisitivo sempre têm mais privilégios junto à justiça.

Para pensarmos a questão do delito e da infração, recorreremos a um ângulo interessante, trazido por Porto (2001). Segundo a autora, a sociedade desigual e hierarquizada brasileira, com vários mecanismos de distinção, num diálogo com as discussões de DaMatta (op. Cit), preside regras de reciprocidade e condições de cumprimento e/ou transgressão, o que aproxima em certa parte a sociedade ao estado de natureza de guerra de todos contra todos. A autora defende que a existência concreta da impunidade conduz à produção de imprevisibilidade das situações, abrindo espaço para a impunidade.

No pano de fundo, temos a dualidade de uma sociedade marcada pelas desigualdades, na qual o imperativo dos mecanismos de autodistinção engendram a impunidade, colocando em suspeita a legitimidade e universalidade das normas jurídicas, favorecendo particularismos e privilégios, colocando em dúvida a real validade do contrato social moderno, o que faz, entre outras coisas, o monopólio da violência pelo Estado.

DaMatta (1986) denuncia que aqui a regra é, em tese, válida para todos, mas vemos que ela é, em muitos casos, aplicada com mais rigidez e menos “cordialidade” e “jeitinho” aos pobres, pois aqueles que podem, pagam um despachante, que tem a função de tornar nossas leis e burocracias – conhecidas por seu excesso de cuidado - mais pessoal. Para DaMatta, “a malandragem e o jeitinho ... seriam modos de enfrentar essas contradições e paradoxos de modo tipicamente brasileiro” (p.98)

#### 4.5

##### **A visão do Malandro como herói**

DaMatta (1997) define o malandro como “um personagem cuja sua maior marca é saber converter todas as desvantagens em vantagens, sinal de todo bom malandro e de toda e qualquer boa malandragem” (p. 287). E acrescenta que a malandragem, assim como o jeitinho, são formas de navegação social. Nas palavras do autor, o malandro “seria o profissional do jeitinho e da arte de sobreviver nas situações mais difíceis” (1986, p. 104).

Coutinho (2008) também corrobora a perspectiva da malandragem como resistência, destacando a forma como a indissociabilidade da violência simbólica e da violência física nas periferias das cidades, revelando um caráter de classe da opressão e reconhecendo na malandragem um processo contra-hegemônico. Analisando as músicas do cantor e compositor Bezerra da Silva, o autor demonstra a forma como grupos marginalizados que têm a imposição histórica de conformar-se com o silêncio utilizam a música e outros meios populares para demonstrar suas insatisfações, através de “códigos estranhos à linguagem hegemônica, seus signos escorregadios, dificilmente assimiláveis e manipuláveis pelo discurso oficial” (p. 63), fazendo da gíria “a cultura de um povo” (p. 63), fazendo um samba que torna-se “uma crônica da vida marginal nas favelas cariocas, atravessada por profundas contradições sociais” (p. 66).

Roberto DaMatta classifica o Malandro – junto com o Caxias e o Renunciador- como um dos heróis do povo Brasileiro, herói este que se faz tão

admirado por ser a personificação da batalha diária de muitos brasileiros que vivem sob a égide de um sistema burocrático incoerente por separar a regra da prática, sendo injusto com os pobres, vistos apenas com indivíduos esvaziados de valor. Acerca disso, Coutinho (2008) destaca na análise da malandragem, através dos versos de Bezerra da Silva, uma denúncia da favela como problema social histórico (pobreza, impunidade, injustiça, truculência, preconceito, entre outros).

Tanto DaMatta (1997) quanto Livia Barbosa (1992) acreditam que a malandragem e o jeitinho sejam uma espécie de sabedoria social. Utilizamos-nos das brechas encontradas em nosso sistema e assim convivemos com a opressão, com um comportamento sagaz e malandramente obediente. DaMatta (1986) completa pontuando que:

O malandro é aquele que – como todos nós – sempre escolhe ficar no meio do caminho, juntando, de modo quase sempre humano, a lei, impessoal e impossível, com a amizade e a relação pessoal, que dizem que cada homem é um caso e cada caso deve ser tratado de modo especial (p. 106).

DaMatta (1997) classifica os heróis como “pessoas que perderam o anonimato e agora estão dentro do panteão das figuras paradigmáticas do mundo social brasileiro” (p. 263). Sendo assim, o herói é visto como um vencedor, aquele que venceu a barreira das normas individualizantes, e que não é mais possuído pelas leis, mas dono de si mesmo. Utilizando as palavras do antropólogo, “no universo da malandragem, é o coração que inventa as regras” (p. 277). O malandro não precisa de dinheiro ou de poder, ele sobrevive socialmente com seus recursos internos mais latentes - sagacidade e astúcia - e conta apenas com suas forças e esperança para vencer em nossa sociedade.

DaMatta (1997) diz que “o herói deve ser sempre um pouco trágico para ser interessante, com sua vida sendo definida por uma trajetória tortuosa” (p. 269). No personagem do malandro, assim como na vida de muitos brasileiros, há “pobreza e desgraça, mas nunca mediocridade ou falta de nobreza” (p. 270).

Pode-se dizer, por esta via de interpretação, conforme pontua Coutinho (2008), que o povo brasileiro muitas vezes se identifica com o personagem do malandro porque vê nele a única perspectiva de triunfo numa sociedade tão marcada por desigualdade, com tantos preconceitos de classe, e vê na malandragem um valor capaz de exercer sua indignação e clamar por justiça social.

Por este ângulo, o malandro representaria uma forma de resistência numa sociedade particularista, desigual, carregando em sua essência uma revolta pelas injustiças que sofremos na estrutura hierarquizada que é a sociedade brasileira. Ela é não só um mecanismo de sobrevivência; inconscientemente, ela funciona como uma leve vingança que cometemos.

## 4.6

### Carnaval

É importante que o ressaltamos o carnaval como uma festa cujo principal rito, bastante difundido no exterior, é uma ruptura com uma ordem estabelecida, uma valorização da inversão e do diferente, o que oferece contribuições importantes para o entendimento da sociabilidade e da cultura brasileira.

Parte da concepção dualista comum aos brasileiros é retomada na cultura brasileira através do carnaval, período no qual podemos viver fantasiosamente algumas proibições, pois estas nos são permitidas. Assim, podemos viver entre a liberdade total do carnaval com seu excesso de desordem e as leis autoritárias com seus excessos de prescrições impessoais que fazem parte do nosso cotidiano.

Um ponto de vista que merece destaque é apresentado por Soares (2012) ao afirmar que o rito, no qual se insere também o carnaval, permite e possibilita leituras diferentes de uma determinada ordem social, atuando “como uma visão anti-cotidiana da vida brasileira” (p. 131). O mais importante é que o rito para a consecução de seus objetivos, quaisquer e muito diversos, precisa necessariamente depois retomar as regras e restabelecer a ordem.

No carnaval, nós brasileiros temos a chance de desempenhar o papel de malandro por alguns dias. Este é o único momento em que podemos nos mostrar como indivíduos únicos, criativos e livres nesta sociedade hierarquizante. Só no carnaval temos a liberdade de vadiar sem sermos tratados como criminosos “e, assim fazendo, experimentamos a sublime marginalidade que tem hora para começar e terminar.” (1986 p.14).

A inversão do comportamento cotidiano, a permissividade e licenciosidade, caracterizam o período do carnaval. Soares (2012) faz um resgate

crítico deste ritual desde a era medieval quando o carnaval, originalmente festa da carne, era o período de permissividade quanto ao uso da carne no período que antecede à quaresma. Dialogando com a obra de DaMatta, o autor destaca o afrouxamento das regras, normas e *habitus*, tal qual das interdições que caracterizam a estrutura social cotidiana.

A partir da obra de DaMatta (op. cit) é possível chegar ao consenso acerca do carnaval como uma festividade popular, fundamentada no ritual, que ganhou status de símbolo da identidade nacional, e que não pode ser entendido na forma singular, mas somente no plural, mediado pela diversidade de roupagens e características particulares que adquire considerando regiões e tradições no Brasil<sup>10</sup>.

É no carnaval o tempo privilegiado no qual nos livramos das amarras do proibido, dos preconceitos e das hierarquias. Somente neste momento temos a plena sensação de liberdade, liberdade esta que é fundamental em uma “sociedade cuja rotina é dominada pelas hierarquias que sujeitam a todos a uma escala complexa de direitos e deveres vindos de cima para baixo” (1986 p.75)

É interessante ressaltar que, mesmo sem um embasamento teórico acerca do assunto, sabemos que o Brasil não é um carnaval o ano inteiro, muito pelo contrário, a festa, como qualquer outro tipo de rito, tem tempo marcado para começar e terminar. Veremos a seguir que tal conhecimento não é partilhado por muitas outras culturas, e tal desinformação pode levar um estrangeiro a querer se comportar como se aqui fosse um eterno carnaval.

---

<sup>10</sup> Acerca disso, Delgado (2012) já alertava para as diferenças entre as características distintas do carnaval considerando regiões do país, como o Nordeste e o Sudeste, onde no primeiro a festa adquire um caráter mais popular, e no segundo a tradição está mais associada ao ao desfile das escolas de samba.

## 4.7

### Carnaval aos olhos dos estrangeiros

Beserra (2007) oferece uma crítica, com certa dose de ironia, sobre a imagem construída acerca do Brasil no exterior, quando fala da “fantasia americana do Brasil”, uma opinião comungada nos Estados Unidos e também na Europa, fundamentada na crença de que “não existe pecado do lado de baixo do Equador”, a saber um *Éden Tropical*, ou um paraíso sem trabalho, regras, sofrimento e castigo. Uma perspectiva exotizante na qual se fundamenta esta visão num primitivismo que as sociedades civilizadas já teriam superado.

A autora desenvolveu uma pesquisa de campo acerca da forma como imigrantes brasileiras teriam de lidar com determinados estereótipos em sua procura por empregos. Um elemento que contribuiu para isto foi a imagem propagada por Carmen Miranda e a projeção internacional da cultura brasileira a partir do samba e do carnaval.

Pensar o carnaval como expressão da cultura brasileira, uma representação das mais difundidas no exterior, nos leva ao diálogo com Hall (1998), quando o autor defende que as culturas nacionais (expressão no plural) formam-se a partir de símbolos e representações, sendo parte de um discurso que dá sentido à imagem que a própria cultura tem de si mesma quanto às outras culturas na interpretação e produção de valores. Este sentido está ligado aos símbolos, representações e imagens que estão associados à determinada cultura. Para pensarmos a questão do carnaval, e a imagem construída no exterior, interessa-nos o debate da narrativa da nação, inserida dentro da conhecida “estratégia discursiva” – a forma e imagem como o Brasil é no exterior, através do carnaval, da permissividade, da licenciosidade, entre outros.

Embora o Brasil esteja passando por um momento de revigoração econômico, sendo denominado por alguns como uma potência emergente, dentro do que se conhece por neodesenvolvimentismo, quando se pensa em Brasil, as primeiras representações sociais que emergem a partir do imaginário coletivo estão ligadas às belas praias, a alegria do carnaval, a malandragem, a sensualidade das mulheres e a nossa postura mais relaxada de encarar o mundo.

Hollanda (2013) nos traz discussões do carnaval como um megaevento e como um meganegócio contemporâneo, demandando desafios à produção do conhecimento, quer seja através do estudo do evento pela tradição da festividade popular, quer pelo complexo organizacional. Assim, o autor considera que o carnaval adquire importância para o entendimento das “interações entre Estado, mercado e sociedade, como também para apontar os nexos que articulam a cultura e a política, a mídia e o poder público, o lúdico e o comercial, a indústria cultural e a arte popular, o turismo e o patrimônio cultural” (2013, p. 2). Estes são eixos que se articulam na análise que empreendemos sobre o imaginário dos turistas estrangeiros acerca do Brasil pelas múltiplas representações sociais do país, entre as quais está o carnaval como um ícone de expressão inquestionável.

#### 4.8

#### **Carnaval – festa da carne**

Santos (2008) considera que a história brasileira está de alguma forma associada ao sexual, lembrando desde a chegada dos europeus em *terras brasilis*, passando pela imagem do indígena e da nudez encontrada, apesar de reconhecer que a sexualidade e o estereótipo da índia não fazem parte da identidade nacional. Entretanto, reconhece que a visão erotizada das escravas, da mulher negra, do “mito da constante promiscuidade dentro das senzalas”, da miscigenação, entre outros, constitui um legado que engendra a imagem da mulata como mulher procurada para fins sexuais. Corrêa (1996) reitera esta posição ao considerar a “invenção da mulata”, sobretudo o estereótipo de Gabriela Cravo e Canela.

Um recuo à discussão dos estereótipos da mulata e sua associação à sexualidade serve ponto de partida pra situar o carnaval posteriormente como um espaço de ritual que compõe parte do que se chama de “cultura brasileira”. Ora, o carnaval como um dos símbolos da cultura nacional difundidos no exterior possui uma associação forte com a permissividade, estreitamente ligado à sexualidade, e parte do crescimento econômico do país através do turismo tem como eixo a imagem do carnaval.

Correa (1996) faz um apanhado histórico que pode ser interessante pra pensarmos a construção social das representações e da identidade brasileira. A autora faz um diálogo com os relatos do médico Raimundo Nina Rodrigues, em 1894, que afirmava que a mulata possuía uma sexualidade anormal, com excitação excessiva e distinta, quando classificou as formas de hímen. Historicamente, esta mulata se apresenta relacionando-se à sexualidade excessiva, numa discussão que já era apresentada por Gilberto Freyre, apud Correa. Este elemento é importante para posteriormente pensarmos as festas populares que retomam estas classificações e que, ao mesmo tempo, remetem à licenciosidade muitas vezes envolvendo questões referentes à forma como o estrangeiro percebe o Brasil.

Segundo Delgado (2012) o carnaval está muito além de um feriado como outros que fazem parte do calendário nacional ou outras festividades; seu papel faz parte da representação da identidade brasileira<sup>11</sup>, o que nos diferencia dos estrangeiros, atuando como a marca de um “povo alegre, descontraído e sensual”.

Muitos dos estereótipos típicos do povo brasileiro de fato podem ser encontrados no nosso cotidiano, a questão que causa preocupação é que muitos turistas estrangeiros chegam ao Brasil se comportando como se aqui fosse carnaval o ano inteiro, sensação esta que lhes dá a ideia errônea de que aqui não há regras e que absolutamente tudo é permitido.

Como podemos observar até agora, as categorias citadas anteriormente como o jeitinho, a malandragem e a liberdade do carnaval são temas de grande valia que nos auxiliam na compreensão da nossa cultura, pois funcionam como reflexos de questões estruturais da nossa sociedade. Mesmo que tais elementos estejam sempre na linha tênue, entre o lícito e o ilícito, elas acabaram por fazer parte da formação da nossa identidade, tornando-se, assim, uma espécie de patrimônio nacional.

Ainda que muitos brasileiros não tenham a oportunidade de assimilá-los de maneira teórica, a partir de estudo sociológico formal, é sabido que adquirimos tal conhecimento através de nossas vivências, nossas experiências, nossa cultura. Isso explica o motivo pelo qual muitos turistas estrangeiros tenham grande dificuldade de compreender tais categorias. Ao pensar sobre nossa malandragem, nosso

---

<sup>11</sup> Delgado (2012) pontua que o carnaval faz parte de um atrativo cultural do país, construído socialmente e legitimado culturalmente, diferente dos atrativos artificiais, como é o caso, por exemplo, da Disneylândia.

jeitinho e nossa liberdade, eles não conseguem entendê-los por completo, pois só enxergam o topo do *iceberg*. A essência de tais características, suas motivações históricas e sociais não fazem parte do conhecimento de mundo da maioria das pessoas que visitam o Brasil, sendo assim, é fácil de entender a dificuldade de muitos turistas em saber que tipo de comportamento é ou não apropriado ou aceitável, fato poderemos observar de maneira mais concreta na análise de dados a seguir.

## 5

### **Análise de dados**

Como já mencionado anteriormente, esta análise de dados terá como base os estudos sobre o interculturalismo. Levando em consideração as colocações acerca das categorizações das culturas no abordadas no capítulo 3, focalizamos tais aspectos e os equacionamos como partes integrantes da nossa análise de dados. É a partir destas tendências que trabalhamos, uma vez que elas nos servem como um instrumento de investigação na análise cultural dos delitos cometidos por estrangeiros no Brasil.

Com o intuito de tornar nossa análise mais concisa, resgatamos apenas a nomenclatura proposta por Richard Lewis. Utilizamos a sua classificação de culturas definidas como linear e multiativa e verificamos se as características comportamentais típicas de cada grupo apontadas pelo linguista se mantêm também quando estas pessoas se encontram na posição de turistas visitando o Brasil.

#### 5.1

#### **Corpus**

Houve, inicialmente, a intenção de se trabalhar a partir de registros de ocorrências arquivados na polícia, foi encontrado, porém, grande dificuldade de acesso a estes documentos visto que muitos delegados mostraram-se desfavoráveis a este método de pesquisa alegando a preocupação de uma possível quebra de sigilo e conseqüentemente, a exposição indevida dos envolvidos nas ocorrências. Após inúmeras tentativas sem sucesso, tornou-se imprescindível a adaptação de nosso método de pesquisa.

A partir disto, resolvemos trabalhar a partir de matérias jornalísticas envolvendo turistas internacionais acusados de algum tipo de delito ou infração em território brasileiro. Tendo em vista a praticidade da internet, optamos por

deixar de lado os jornais impressos e nos atemos à matérias publicadas em sites brasileiros de grande circulação especializados em notícias.

Tínhamos como critério para a escolha das matérias como corpus de nosso trabalho dois pré-requisitos: 1- turista estrangeiro citado na matéria deveria ser acusado de um crime e não uma vítima; e 2 – deveria haver na matéria uma declaração do turista sobre o assunto.

Embora todas as matérias sejam recentes (a mais antiga foi publicada do ano de 2007), não houve inicialmente uma delimitação no período de publicação na internet, visto que matérias envolvendo turistas estrangeiros não são tão recorrentes nos noticiários brasileiros e a necessidade de obediência aos critérios supracitados tornava o corpus ainda menor.

Temos, em nosso corpus, países representantes apenas das culturas lineares (como Alemanha, Estados Unidos, Reino Unido) e multiativas (como Argentina, Portugal, França), escolhemos trabalhar apenas esses grupos porque não conseguimos encontrar um número satisfatório de matérias envolvendo países representantes da cultura reativa- a falta de incidência de matérias envolvendo nacionalidades deste grupo (como Japão, China, Vietnã) é uma questão relevante que pode ser aprofundada em estudos posteriores.

Dentre as matérias encontradas, procuramos selecionar apenas aquelas que contivessem declarações do acusado, pois acreditamos que as argumentações utilizadas pelos infratores com o intuito de se defender ou se justificar pelo ocorrido poderiam nos ajudar não só na compreensão da motivação que os levaram a cometer tais delitos como também dar-nos dicas sobre que tipo de impressão estes turistas demonstram ter de diferentes questões ligadas ao Brasil como a nudez, o toque, o respeito às regras e as autoridades, o direito ao espaço e ao silêncio do outro etc.

## 5.2

### **Critérios Utilizados**

De acordo com os estudiosos do interculturalismo, podemos afirmar que, independentemente de onde um indivíduo tenha nascido, ele teve contato com

aspectos que são presentes em todas as culturas como o humor, o tempo, os valores, a família, a hierarquia, o trabalho, o fracasso, entre outros. Diferentes culturas têm conceitos similares, mas cada uma tem a sua maneira de vivenciá-los. Em sua pesquisa, Lewis identifica como indivíduos de diferentes culturas lidam tais aspectos e a partir daí delimita várias características comuns a cada cultura.

Das tantas características mencionadas por Lewis (2006) acerca de cada um desses grupos, selecionamos apenas quatro critérios de cada uma que acreditamos serem os mais pertinentes à nossa análise; sendo assim, procuramos verificar através das matérias selecionadas se os acusados oriundos de **culturas multiativas** quando em território brasileiro costumavam:

- 1- Falar bastante;
- 2- Considerar a verdade relativa;
- 3- Demonstrar sentimentos;
- 4- Utilizar-se de desculpas para se justificar.

Embora os quesitos sejam autoexplicativos, cabe aqui elucidar cada um deles de maneira mais detalhada: Ao analisarmos o primeiro critério, procuramos verificar se os turistas que estavam sendo acusados de uma infração tinham uma linguagem direta, visando apenas relatar o fato de maneira objetiva e concreta ou se havia em seu discurso sinais ordem pessoal tais como sentimentalismo, arrependimento ou justificativas da motivação do crime cometido.

No que diz respeito à relatividade da verdade, analisamos como estes indivíduos encaravam o conceito de verdade. Lewis aponta que para indivíduos deste grupo a verdade é algo negociável, sendo assim, verificamos se esta característica se manteve ou se eles demonstraram uma postura na qual a verdade era tida como indiscutível ou ainda se acreditavam não haver uma verdade absoluta. De maneira geral, podemos dizer que com este critério procuramos identificar se o acusado do delito tentou manipular a verdade de alguma maneira.

No terceiro critério, que aborda a questão dos sentimentos, tentamos identificar se no discurso desses turistas havia a presença de possíveis demonstrações de emoção tais como raiva, medo, frustração, alegria ou qualquer outro tipo de sentimento, aspectos emocionais esses que, segundo Lewis, são observados de maneira muito mais intensa no grupo multiativo, cuja sobreposição da emoção à razão é umas de suas características típicas.

O quarto e último critério observado nas culturas multiativas diz respeito ao costume que indivíduos desses grupos têm de se justificar por algo que não deveria ter acontecido, ato este muito presente no nosso cotidiano e conhecido como “dar desculpas”. Verificamos se os turistas deste grupo, ao serem acusados de uma determinada infração, utilizaram-se ou não de excusas para se defender e, em caso afirmativo, como isso se deu.

Dentre as características das **culturas lineares** procuramos verificar se nas matérias escolhidas poderíamos observar nos turistas a presença das características abordadas pelo autor tais como:

- 1- Demonstrar um grande respeito às regras;
- 2- Colocar a verdade acima de tudo;
- 3- Utilizar-se de argumentos com lógica;
- 4- Esconder seus sentimentos e emoções;

Abordaremos mais profundamente agora estes quatro critérios que nos serviram como direção na análise do grupo linear: No primeiro quesito analisado nas culturas lineares, procuramos verificar se o indivíduo em questão observou e respeitou às regras e normas entendidas aqui não só como as leis, mas também como o comportamento social esperado em um dado contexto.

No segundo quesito, verificamos o grau de importância que este indivíduo deu à verdade sobre os fatos, mesmo que tal verdade viesse a lhe trazer más consequências. Lewis (2006) afirma que para estes indivíduos a verdade não é maleável, a verdade é a verdade. Logo, buscamos identificar se esta objetividade e clareza acerca da verdade também podiam ser encontradas nas declarações dos turistas.

Vale dizer que, com o intuito de não nos envolvermos no aspecto de interpretação sobre a verdade dos fatos, tomaremos por base aqui a noção de verdadeiro dada pelas testemunhas oculares e pelas provas legais. Um posicionamento como este se faz necessário para que não haja o risco de uma manipulação nos resultados devido a uma interpretação da verdade sob a ótica do pesquisador.

No terceiro ponto, que diz respeito à utilização de uma argumentação baseada na lógica, procuramos verificar o quão coerente com a realidade e com as evidências eram as declarações dadas pelos acusados, bem como se elas se

baseavam em fatos concretos ou em possíveis traços de desvio da verdade ou questões ligadas ao aspecto afetivo.

O quarto e último quesito a ser utilizado para análise deste grupo foi a presença ou ausência de um discurso e postura no qual transparecessem resquícios de sentimentos como medo, raiva, tristeza, frustração, alegria ou qualquer outra forma que a emoção pode tomar. Como já mencionado por Lewis (2006), é comum que indivíduos dessas culturas sejam mais frios e não se sintam à vontade para expor suas emoções em qualquer situação, até porque são pessoas muito racionais e expô-las em uma situação inapropriada pode ser entendido como um sinal de fraqueza.

### 5.3

#### **Matérias do Grupo Multiativo**

Começaremos pela análise das matérias do **grupo multiativo**. Recolhemos 7 matérias, sendo que uma foi subdividida em duas por incluir nacionalidades diferentes. Sendo assim, temos 8 casos analisados. Utilizamos o mesmo título utilizado onde elas foram encontradas, e a partir de então nos referiremos a elas de M1, M2, e assim respectivamente.

M1- Desemprego e falta de oportunidades na Europa são principais as justificativas dos detidos com drogas em Cumbica (Espanhol)

M2- Desemprego e falta de oportunidades na Europa são as principais justificativas dos detidos com drogas em Cumbica (Português)

M3- Turista italiano é preso por suspeita de estelionato.

M4- Franceses presos por tumulto em voo só sairão do País em 2010.

M5 - Italiano é preso no Ceará por beijar filha de oito anos.

M6 - Turista francesa é presa em Ipanema após pichar uma praça.

M7 - Francês é preso depois de tomar banho de mar sem roupas em Noronha.

M8 - Delegado diz que ação do jogador Grafite é importante para combater racismo.

## 5.4

### Resultados do grupo Multiativo

Ao utilizar os quatro critérios já mencionados anteriormente, verificamos que mais que 75% <sup>12</sup> das características mencionadas por Lewis foram confirmadas nestas matérias. Obtivemos o seguinte resultado: em 8 das matérias seleccionadas, 4 se enquadraram positivamente em todos os critérios e as 4 restantes obtiveram resultado positivo em pelo menos dois critérios, como pode ser observado no quadro a seguir:

Matéria Multiativa	Fala bastante	Considera a verdade relativa;	Demonstra sentimentos;	Utiliza-se de desculpas
M1- Desemprego e falta de oportunidades na Europa são principais as justificativas dos detidos com drogas em Cumbica (Espanhol)	+	+	+	+
M2- Desemprego e falta de oportunidades na Europa são as principais ... (Português)	+	+	+	+
M3- Turista italiano é preso por suspeita de estelionato.	+	+	+	+
M4- Franceses presos por tumulto em voo só sairão do País em 2010.	+	+	+	+
M5 - Italiano é preso no Ceará por beijar filha de oito anos.	-	+	+	+
M6 - Turista francesa é presa em Ipanema após pichar praça.	-	+	-	+
M7 - Francês é preso depois de tomar nadar sem roupas .	-	+	-	+

<sup>12</sup> Pesquisa de base qualitativa. A porcentagem foi usada apenas como ilustração.

M8 - Delegado diz que ação do jogador Grafite é importante para combater racismo.	-	+	-	+
Total	<b>4</b>	<b>8</b>	<b>5</b>	<b>8</b>

É interessante notar que, de acordo com as matérias selecionadas, os critérios “*consideram a verdade relativa*” e “*utilizam-se de desculpas para se justificar*” estão presentes em todos os casos, obtendo assim 100% de confirmação.

Isto significa que todos estes turistas tentaram, de modo mais ou menos explícito, manipular a verdade. Podemos citar como exemplo a M3, na qual um turista foi preso sob a acusação de estelionato. Com o intuito de se defender das acusações de que ele se hospedava em pousadas, almoçava em restaurantes e não pagava a conta, o turista alegou que isso ocorreu porque a pousada em que esteve não aceitava cartão de crédito.

Há aqui uma clara manipulação do verdadeiro motivo pelo qual ele não pagou a conta. Embora pouco comum, é possível que ainda existam pousadas que não aceitem pagamento com cartão de crédito, mas quando há a necessidade de utilizar um serviço pago e se está sem dinheiro vivo, é esperado que a primeira atitude seja perguntar sobre as formas de pagamento para que, se necessário, se procure um novo estabelecimento, evitando assim constrangimentos posteriores devido a falta de pagamento.

Pelo que parece, o turista não só não se preocupou em fazer este questionamento essencial durante sua estadia nas pousadas como também não se importou em reportar o acontecido ao gerente, visando uma forma para resolução do problema. O fato de simplesmente ir embora das pousadas, sem dar nenhuma satisfação, é um outro grande indicador de que este turista agiu de maneira proposital, o que reforça ainda mais os indícios de uma provável manipulação da verdade.

Fica muito claro também que em todas as matérias o turista preferiu criar uma justificativa para aquela situação do que admitir a intenção de cometer um delito. Todos tentaram tirar a responsabilidade de si inventando uma desculpa. Este é o caso, por exemplo, da M6, que relata o caso de uma francesa presa em

flagrante por pichar o banco de uma praça. A turista afirmou que não sabia que era proibido pichar patrimônio público, pois em seu país a prática é aceita, ou alegam que tudo não passou de um mal entendido como é o caso M5 -em que um Italiano é preso no Ceará por beijar e acariciar filha de oito anos. Este caso chama uma atenção ainda maior pelo fato dele ter sido advertido de sua atitude antes da polícia ser chamada. Tal postura demonstra que o turista italiano não se estava preocupado com as consequências de seus atos.

O critério a respeito da demonstração de sentimentos e emoções, foi utilizado por 62% destes indivíduos. Estes demonstram de maneira bem explícita suas emoções. Podemos ver esta característica de uma maneira muito clara nas M1 e M2, nas quais um espanhol e um português apontam o desemprego e a falta de oportunidades na Europa como justificativas para cometerem tráfico de drogas. Nesta matéria nota-se um grande apelo ao sentimentalismo e os acusados demonstram de maneira bastante intensa emoções como arrependimento, medo e tristeza.

O espanhol declara que precisou cometer tráfico de drogas porque a Espanha está em um estado assustador. Ele alegou ainda que estava desempregado e que cometeu o delito pensando em sustentar os seus dois filhos. Acrescentou ainda que tem uma mãe de 87 anos e que se ela soubesse que o filho está preso no Brasil, morreria.

O turista português segue esta mesma linha de defesa. Ele chora quando tenta imaginar a reação dos dois filhos adolescentes quando souberem da sua prisão e se diz muito arrependido do erro que cometeu. O homem alega que estava desesperado, pois precisava pagar o aluguel. Diz também que nunca esteve preso, por isso, temia como seria quando estivesse junto com os outros detentos. Para finalizar seu discurso sobre a gravidade de sua situação, ele diz que tem apenas um par de roupas e não tem advogado.

A sensação que se tem é que estes turistas esperam que os policiais se penalizem com sua situação e que aceitem a ideia de que tal ato era realmente necessário e justificável naquele contexto e assim os liberem da prisão o quanto antes.

É muito recorrente, não só nesta matéria como em algumas outras do mesmo grupo, a questão da interseção entre o pessoal entendido aqui como a necessidade de cada indivíduo, e o impessoal entendido aqui como a lei.

Confirmando o que já foi dito por Lewis (2006), as pessoas destas culturas têm uma grande dificuldade em separar estes dois polos.

O critério menos verificado nesta análise foi “falar bastante”, alcançando apenas 50% confirmação. Vemos que enquanto metade das matérias foi possível notar que os envolvidos deram bastantes explicações sobre o ocorrido e tentaram de maneira bem detalhada se explicar, se defender e demonstrar como se sentiam, a outra metade dos turistas não recorreu a questões afetivas em seus depoimentos, ou seja, eles foram mais contidos no que diz respeito ao detalhes sobre o ocorrido e como se sentiram. Podemos observar, porém, que em todos os casos eles se justificaram pelo o que tinha ocorrido.

Chamamos atenção para o fato de que não podemos alegar nestes casos que os turistas não sabiam que estavam cometendo um ato ilícito. O tipo de delito do qual eles foram acusados, como pedofilia, estelionato, tráfico de drogas, atentado ao pudor, racismo, depredação de ambiente público é considerado crime no Brasil e também em seus países de origem.

A questão relevante aqui, é a de que, aparentemente, para estes turistas, no Brasil estas leis não precisam ser seguidas à risca, pois embora exista uma lei, eles estão no Brasil e aqui é lugar de “liberdade, da malandragem e do jeitinho” e eles também querem fazer parte desta realidade, mesmo não sabendo muito bem o que na verdade elas realmente significam, quais os seus limites aceitáveis.

## 5.5

### **Matérias do Grupo Linear**

Quanto às matérias do grupo de culturas lineares, os resultados foram bem diferentes. Muitos dos comportamentos tidos como típicos deste tipo de sociedade não foram percebidos enquanto estes turistas estavam no Brasil. Deste grupo foram analisadas 7 matérias listadas abaixo:

L1- Jogadores de futebol irlandeses são barrados no Brasil.

L2- Turistas alemães são detidos após tirar roupa em aeroporto na BA.

L3- As turistas inglesas foram presas após tentarem registrar uma falsa queixa de roubo.

L4-Turista americano é preso por dar calote de R\$ 15 mil em hotel do Rio.

L5- Australiano é preso após pular do 39º andar de hotel no Rio.

L6 - Roqueiro americano preso após tocar nu.

L7- Alemão é preso por exploração sexual na Bahia.

## 5.6

### Resultados do Grupo Linear

Como pode ser visto na tabela a seguir, dos aspectos levados em consideração na análise, apenas 25% foram comprovados.

Linear	Demonstrar um grande respeito às regras;	Colocar a verdade acima de tudo;	Utilizar-se de argumentos com lógica;	Esconder seus sentimentos e emoções;
L1- Jogadores de futebol irlandeses são barrados no Brasil.	-	+	-	-
L2- Turistas alemães são detidos após tirar roupa em aeroporto na BA.	-	-	-	+
L3- As turistas inglesas foram presas após tentarem registrar uma falsa queixa de roubo.	-	-	-	-
L4-Turista americano é preso por dar calote de R\$ 15 mil em hotel do Rio.	-	-	-	+
L5- Australiano é preso após pular do 39º andar de hotel no Rio.	-	+	+	+

L6 - Roqueiro americano preso após tocar nu.	-	-	-	+
L7- Alemão é preso por exploração sexual na Bahia	-	-	-	+
Total	<b>0</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>5</b>

Tabela 2: Tabela com características do grupo Linear-ativo mencionadas por Lewis.

Podemos notar na tabela em questão que diferentemente do grupo multiativo que teve muitas características comprovadas na pesquisa, com o grupo linear, a maioria das características foram refugadas.

Nas matérias do grupo linear, o critério que mais obteve resultado positivo foi no que diz respeito a esconder os sentimentos. Das matérias verificadas, 70% delas não apresentavam resquícios de emoção. Sendo assim, a maioria destes turistas não demonstrou como estava se sentindo naquele momento. Em contrapartida, a outra parte, teve uma atitude bem diferente do que era esperado e demonstrou suas emoções de raiva, tristeza, frustração de maneira bastante intensa e explícita como podemos observar na L1, matéria que relata o caso de jogadores de futebol irlandeses barrados no Brasil. O jogador Ciaram McLoughlin declarou que *"É de cortar o coração. É muito surreal. Muitos de nós no time estávamos economizando por meses para essa viagem. Agora eu só sinto ódio pelo Brasil."*

O quesito *colocar a verdade acima de tudo* obteve apenas 35% de comprovação. As pessoas deste grupo, conhecidas pela tentativa de sempre priorizar a verdade, não tiveram aqui o mesmo ímpeto, pois, mesmo estando claro que os turistas haviam cometido determinado delito, apenas uma pequena minoria dos turistas assumiram que erraram e que estavam cientes da irregularidade de tal ato. Este é o caso da L5, no qual um australiano pulou de paraquedas do 39º andar de um hotel no Rio. Mark Nicholas Johnson admitiu ser adepto do basejump – esporte onde o praticante salta de uma edificação- e acrescentou ainda que polícia estivesse com a razão em prendê-lo. Todos os outros casos preferiram negar que tivessem cometido uma infração e criaram uma desculpa.

Como Lewis aponta, pudemos confirmar com estas matérias que pessoas de culturas lineares realmente não costumam inventar desculpas com muita

frequência, pois elas demonstraram pouquíssima habilidade para esta prática. Se formos analisar os tipos de desculpas utilizadas por cada grupo, vemos que as pessoas de culturas multiativas são capazes de inventar desculpas muito mais elaboradas para se defenderem do que os indivíduos provenientes de uma cultura linear.

Talvez esta facilidade maior em criar uma justificativa aconteça com as culturas multiativas devido à prática, ou até mesmo ao fato de lidarmos melhor com imprevistos, criando assim argumentos mais verossímeis. Diferentemente das pessoas de culturas lineares que negam com veemência terem cometido um ato ilegal, observamos que pessoas das culturas multiativas não tentaram negar o que aconteceu. Ao perceberem que forem descobertas procuraram encontrar uma boa justificativa para ter cometido tal ato. Como vemos no material em anexo, é comum que apelem para a necessidade financeira, que aleguem desconhecimento das leis brasileiras, que digam que foi um mal entendido, pois em seu país tal prática é comum etc. Esses argumentos, embora não vão convencer as autoridades brasileiras da sua inocência, podem ao menos gerar uma margem de dúvida sobre se o ato cometido foi realmente proposital.

Já os indivíduos de cultura linear não demonstraram a mesma desenvoltura quando a questão é inventar desculpas. Ao se darem conta de que seus atos foram descobertos, negam ter cometido os delitos, mesmo estando muito óbvio que os cometeram. Como exemplo podemos citar o caso L7, no qual um turista alemão foi detido e autuado em flagrante por corrupção de menores. O turista negou que tivesse seduzido as menores, disse apenas que elas pediram presentes (no valor de R\$ 400 reais) e ele deu. Se não bastasse saber que o nordeste do Brasil é conhecido pelo turismo sexual de menores e que pessoas não costumam dar presentes de valor para desconhecidos, o homem foi encontrado com fotos de adolescentes seminuas. Apesar de todos in indícios, o homem negou ter cometido a infração em questão.

Para que as justificativas baseadas na verdade dos fatos possam ser levadas em consideração, elas precisam ter alguma lógica. Embora pessoas de culturas lineares utilizem-se da lógica com muito mais frequência que nós, quando se trata de inseri-las em uma desculpa, esta habilidade parece falhar.

Outro exemplo de dificuldade em criar justificativas com lógica é o caso, da L4, no qual um turista americano foi preso por dar um calote de R\$ 15 mil em

um hotel no Rio de Janeiro. O homem admitiu que não pagou a conta mas fez isso porque foi assaltado (embora não tenha feito nenhum registro de ocorrência). E, alegou ainda que sofria de problemas cardíacos (mesmo tendo consumido R\$ 6 mil em bebidas alcoólicas), por isso, achou que deveria voltar ao seu país e que, quando lá estivesse, mandaria o dinheiro para pagar a conta.

Como pudemos observar até agora, outra característica que parece ter desaparecido ao pisar em solo brasileiro foi a de respeitar as regras. Dos indivíduos analisados, 100 % burlaram alguma norma. Assim como aconteceu com o grupo dos multiativos, em nenhum dos casos podemos considerar que o delito se deu devido às diferenças nas leis ou nos costumes, pois os delitos cometidos por estes turistas no Brasil também são considerados infrações em seus países de origem.

Outra questão que podemos perceber nas matérias do grupo linear é a presença de uma certa revolta por parte dos turistas por estarem sendo reprimidos por tais atitudes. A sensação que se tem ao ler suas declarações é que eles estão certos de que suas atitudes foram muito condizentes com o que se espera do Brasil. Para eles é muito normal que se troque de roupa em saguão de aeroporto, que se toque desnudo em um evento de Rock, que se faça algazarra em aviões, afinal, no entendimento deles, no Brasil os biquínis são pequenos, há mulheres peladas desfilando na avenida do samba, e aqui tudo é festa.

Ao observarmos declarações como *“Nós fomos tratados como se tivéssemos cometido um crime”*, *“As ações deles foram muito inapropriadas”* ou *“Agora eu só sinto ódio pelo Brasil”* presentes na L1 ou ainda *“Pedimos que mostrem ao mundo imparcialidade e clemência”* na L3 e até mesmo a declaração dos alemães na L2 que alegaram ter pensado que trocar de roupas em público era algo comum no país, dado o comportamento dos brasileiros nas praias, fica bem clara a percepção dos turistas de que o errado não são suas atitudes, mas as pessoas e as autoridades que se incomodaram com elas.

## 5.7

### Conclusões Iniciais

Faz-se, neste momento, necessário ressaltar que não foram as diferenças culturais que levaram tais turistas a terem problemas judiciais no Brasil, já que dentre os delitos cometidos não foi encontrada nenhuma atitude que pudesse estar ligada à cultura deste estrangeiro. Ou seja, nenhuma infração cometida pelos turistas em território brasileiro é aceitável ou comum em seu país de origem. A partir daí, podemos concluir que, ao se tratar de delitos envolvendo turistas estrangeiros, têm-se muito mais aspectos de um mau entendimento de nossos costumes, principalmente no que se refere à liberdade, do que uma falta de conhecimento sobre as leis brasileiras em si. Encontramos, nas reportagens utilizadas, marcas não apenas de diferenças culturais, mas de uma sensação de impunidade que parece levar os turistas a se sentirem tranquilos para cometerem estes tipos de delito. Em nenhuma das reportagens os turistas foram autuados por fazer algo que é permitido em seu país de origem, mas não o é no Brasil.

## 5.8

### Dados da tabela

Nas tabelas anteriores, podemos verificar quais critérios de cada cultura foram confirmados ou refutados. Os critérios correspondentes a cada cultura que foram encontrados na matéria da internet receberam o sinal positivo (+) e os que não foram encontrados ou que divergiam do que é típico em cada cultura receberam sinal negativo (-).

Como pode ser observado nestas tabelas, vemos que ocorreu uma grande diferença de resultados positivos nos critérios entre os países representantes das culturas lineares e das culturas multiativas. Mais que 75% das características das culturas multiativas foram confirmadas; contraditoriamente, ao serem analisadas as características das culturas lineares, apenas 35% delas receberam sinal positivo.

Enquanto nas matérias envolvendo turistas de culturas multiativas praticamente todas as características do grupo se demonstraram perceptíveis

também quando estavam no Brasil, no grupo dos lineares aconteceu o oposto. Aqui eles não demonstraram um comportamento típico de seu grupo, ao contrário, tiveram um comportamento bem diferenciado do que eles costumam ter em seus países.

Esta constatação nos leva a reflexão sobre qual o foi motivo que fez com que praticamente todas as características do grupo multiativo fossem confirmadas e por que grande parte das características do grupo linear fossem refugadas.

Podemos propor a tese de que indivíduos oriundos de uma cultura multiativa não demonstraram tantas mudanças quanto o outro grupo porque, sendo o Brasil também um representante da cultura multiativa, muitos turistas que aqui chegam não sentem uma necessidade de mudança de postura, pois percebem que muitas das características deles são partilhadas por nós. Toda esta confiança faz com que se sintam muito confortáveis e à vontade para praticar o que eles acreditam ser a nossa “liberdade, malandragem e jeitinho”. Em outras palavras, podemos dizer que já é da natureza deles viver em um contexto mais flexível, logo, quando estão no Brasil, não precisam mudar de comportamento, basta colocarem esta flexibilidade a favor de suas intenções.

Já os turistas oriundos de culturas lineares, quando estão no Brasil, tendem a comportar-se de maneira muito diferente do que de costume e demonstram características bem divergentes dos indivíduos deste tipo de cultura. Lewis define indivíduos desta cultura, dentre outras características, como factuais, frios, obedientes às regras e diretos, mas vemos na nossa análise grandes indícios de que estes turistas tiveram uma postura contrária ao que era esperada do grupo. Podemos observar que eles não respeitaram as regras, não foram tão frios como de costume, não colocaram os fatos e a verdade acima de tudo.

Um dado como este comprova a nossa hipótese de que muitas das infrações cometidas por turistas estrangeiros no Brasil se dá porque estes não conseguem entender de fato o que é a cultura brasileira e se deixam levar apenas pelos estereótipos da licenciosidade, da malandragem e do jeitinho.

Pensar a forma como imagem do Brasil é construída no exterior, impõe determinadas interrogações que podem contribuir para a continuidade do debate: por que, mesmo com os eixos modernizantes, ainda estruturamos nossa imagem principal na relação do país das belas praias, do carnaval e do samba, das belas mulheres? Por que ainda não nos associamos à imagem do trabalho como

vocação, ou por que não estamos associados à disciplina que marca determinadas sociedades?

Este trabalho coloca em relevo a discussão sobre o que motiva determinados delitos cometidos por estrangeiros em território brasileiro. Trata-se de questões para os quais não temos a pretensão de oferecer respostas definitivas, mas que sem dúvida podem ser aprofundadas e respondidas em outros trabalhos.

## 6

### Considerações finais

Esta dissertação de mestrado, realizada entre os anos de 2011 e 2013 para a PUC-Rio, teve como objetivo geral contribuir para o desenvolvimento de uma postura mais crítica acerca de delitos cometidos por estrangeiros no Brasil a partir do aporte teórico do interculturalismo e de alguns estudos de caso. Consideramos que o objetivo geral desta dissertação foi plenamente atingido.

A pesquisa teve como hipótese de trabalho a seguinte afirmação: As diferenças culturais e a maneira como o Brasil é visto por estrangeiros podem ser fatores relevantes para a explicação de delitos cometidos pelos mesmos no Brasil. Sabemos que o cenário de aumento do turismo em geral e da inquestionável procura pelo Brasil como destino turístico internacional está ligado, também, às construções sociais que estão associadas ao Brasil. Acreditamos que muitos dos constructos ligados à imagem do carnaval, da liberdade, da malandragem, do jeitinho, da sexualização da mulher brasileira, dentre tantos outros, podem dar margem a uma má interpretação da realidade brasileira no que diz respeito aos aspectos lícitos e ilícitos.

Esta hipótese de trabalho foi comprovada através das evidências, dos fatos e das “pistas” fornecidas pelas matérias analisadas. Deste modo, ficou clara a importância de se conseguir estabelecer uma relação entre as imagens associadas ao Brasil no exterior e os delitos cometidos por estrangeiros.

Procuramos ao longo deste trabalho dialogar com o aspecto cultural, sem encerrar o debate em si mesmo; por isso fizemos o esforço de tentar tornar explícitas determinadas condutas que estão mais ligadas ao implícito: a origem das infrações cometidas por estrangeiros no Brasil, buscando assim, pela primeira vez, desvendar a natureza intercultural dos delitos cometidos por estrangeiros no Brasil.

Para alcançar nosso objetivo tivemos como diretrizes os seguintes pontos: estudar referências teóricas do interculturalismo; verificar se a aplicação das características culturais delimitadas por estes teóricos se mantinham quando os turistas envolvidos nos delitos estavam no Brasil; identificar e listar as principais causas que levaram os turistas a terem uma percepção tão equivocada das regras

brasileiras e da fronteira entre legal e o ilegal. Consideramos que o percurso traçado foi alcançado com sucesso, com ganhos para a linha de pesquisa adotada.

Já é sabida hoje a importância da interculturalidade no aprendizado de uma segunda língua, acreditamos que as reflexões presentes nesta pesquisa podem servir como temas para serem debatidos em uma aula de português para estrangeiros, uma oportunidade de se refletir e discutir sobre as imagens do Brasil, os costumes brasileiros, o comportamento de um estrangeiro, o que é lícito ou não em nossa sociedade, os estereótipos, entre tantos outros.

Como possíveis desdobramentos deste trabalho, proponho a aplicação dessa abordagem intercultural também para fora dos muros na universidade afinal esta é uma temática ainda pouco abordada em tempos de globalização. Acreditamos que o conhecimento intercultural deve perpassar o ensino de línguas, ser levado em consideração para além do segmento educacional. É importante que aspectos as diferenças culturais sejam considerados principalmente do que diz respeito a área da segurança pública.

Embora não seja raro ler em jornais que um turista estrangeiro se comportou de maneira totalmente inoportuna durante sua estadia no Brasil, dificilmente vemos por parte do ministério do turismo ou da segurança pública uma mobilização para apagar a imagem errônea de que no Brasil tudo é permitido. Exemplo disso é questão das campanhas contra a exploração sexual que aconteceram no exterior nos meses que antecederam a copa - estas foram feitas por ONGs e não por uma mobilização do Estado.

A copa do mundo de 2014 e os jogos olímpicos de 2016 trarão milhares de pessoas de nacionalidades diferentes. Esse é, portanto, o momento ideal para se refletir como a aliança dos estudos sobre interculturalismo com a análise de delitos cometidos por estrangeiros. Acredito este trabalho pode ser uma grande motivação para o desenvolvimento de futuras ações dirigidas a um público de diferentes culturas, como a cartilha elaborada pelo Consulado-Geral do Brasil em Tóquio com dicas de conduta aos torcedores do Corinthians que viajariam ao país em 2012 para acompanhar o Mundial de Clubes; além de servir como um importante aporte teórico para consultorias da polícia – que com o conhecimento das diferenças culturais poderiam desempenhar um trabalho ainda mais eficiente.

Como visto nos capítulos anteriores, a relação intercultural faz parte da nossa realidade e tem grande influência nas interações sociais. Indivíduos contemporâneos precisam ser competentes interculturalmente, buscando não só refletir sobre sua própria cultura, mas também compreendendo e aceitando o padrão cultural de cada um, para que a partir de então, perceberem que tipo de comportamento é ou não apropriado em uma dada cultura.

## 7

**Referências Bibliográficas**

ALBUQUERQUE, Adriana Ferreira de Sousa, Meyer, Rosa Marina de Brito. (orientadora) **A construção dos atos de negar em entrevistas televisivas: uma abordagem interdisciplinar do fenômeno em PLM com aplicabilidade em PLE.** Rio de Janeiro, 2003. 234p

ALVIM, Joaquim Leonel; NUNES, Tiago de Garcia. **O jeitinho brasileiro, o homem cordial e a impessoalidade administrativa:** encontros e desencontros na navegação da máquina pública brasileira. In: III EICS Encontro Internacional de Ciências Sociais, Pelotas, 2012.

ANDERSON, Benedict. **Imagined Communities.** Londres: Verso, 1998.

BARBOSA, Livia. **O Jeitinho Brasileiro ou a Arte de ser mais Igual que os Outros.** 6. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

BENNETT, Milton, J. Cultivating Intercultural Competence. In: **The sage book of intercultural competence.** Edited by Darla K. Deardorff. Sage Publications, Inc. Estados Unidos. 1998.

\_\_\_\_\_. Intercultural communication: A current perspective. In Milton J. Bennett (Ed.), **Basic concepts of intercultural communication: Selected readings.** Yarmouth, ME: Intercultural Press. 1998

\_\_\_\_\_, "Towards Ethnorelativism: A Developmental Model of Intercultural Sensitivity," in **Cross-Cultural Orientation: New Conceptualizations and Applications,** edited by R. Michael Paige (New York: University Press of America, 1986).

BESERRA, Bernadete. Sob a sombra de Carmen Miranda e do carnaval: brasileiras em Los Angeles. **Cadernos Pagu** (UNICAMP), v. 28, p. 313-344, 2007.

BIGNAMI, Rosana Viana de Sá. **A imagem do Brasil no turismo:** construção, desafios e vantagem competitiva. São Paulo: Aleph, 2002.

BOAS, Franz. **Antropologia Cultural.** Rio de Janeiro, RJ: Zahar. 2004  
\_\_\_\_\_. **The Limitation of Comparative Method of Anthropology.** Science, N. S. , v. 4, 1896.

BOURDIEU, P. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (orgs.) **Escritos de Educação,** 3ª ed., Petrópolis: Vozes, 2001

CÂNDICO, ANTÔNIO. Dialética da malandragem. In: **O discurso e a cidade.** São Paulo: Duas Cidades, 1993.

CHAGAS, Marcio; DANTAS, Andréa. A imagem do Brasil como destino turístico nos websites das operadoras de turismo europeias. **Revista Observatório de Inovação do Turismo**, v. IV, p. 01-19, 2009.

COUTINHO, Eduardo Granja. A comunicação do oprimido: malandragem, marginalidade e contra-hegemonia. In: Raquel Paiva; Cristiano Henrique. (Org.). **Comunidade e contra-hegemonia: rotas da comunicação alternativa**. Rio de Janeiro: Mauad, 2008.

DAMATTA, Roberto. **O que é o Brasil?** Rocco Jovens Leitores. 2004.  
 \_\_\_\_\_ **A casa e a rua: espaço, cidadania mulher e morte no Brasil** . 5<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, Rocco, 1997

\_\_\_\_\_. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro.**6<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

\_\_\_\_\_. **O que faz o Brasil, Brasil?** RJ: Rocco, 1986

DURANTI, A..**Linguistic Anthropology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**.Brasília: Universidade de Brasília, 2001

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Zahar. Rio de Janeiro, 1973.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 9<sup>a</sup> ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

\_\_\_\_\_.**A elaboração da face: uma análise dos elementos rituais na interação social**.Francisco Alves, 1980.

GOODENOUGH, Ward H. (1957) "Cultural anthropology and linguistics", em GARVIN, P. (ed.) **Report of the Seventh Annual Round Table Meeting on Linguistics and Language Study**. Washington: Georgetown University.

\_\_\_\_\_. Ward H. 1975 [1971]. "**Cultura, lenguaje y sociedad**", 157-248. Kahn, J.S. ed. El concepto de cultura: Textos fundamentales. Barcelona: Anagrama.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HALL, E.T. The power of hidden differences. In: **Basic Concepts of Intercultural Communication: Selected Readings**. Milton Bennett (Org.)Intercultural Press. Inc.EstadosUnidos. 1998.

\_\_\_\_\_. **Beyond culture**. Anchor book, Doubleday. Estados Unidos. 1997  
 (1a edição). 1989.

\_\_\_\_\_. **A Dimensão oculta**. Tradução Waldéa Barcellos. Martins Fontes. São Paulo. 1a edição. 2005.

HOFSTEDE, G.; HOFSTEDE, J.H. **Cultures and organizations: software of the mind: intercultural cooperation and its importance for survival**. McGraw-Hill; 2a edição. Estados Unidos, McGraw-Hill. 2001.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. País do carnaval! País do carnaval? – Uma apresentação alentada ao Dossiê Carnavais & Organizações. **Organizações & Sociedade** (Online), v. 20, 2013. Laraia, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Zahar. Rio de Janeiro, 1986.

Levinson. Stephen C. 2007. **Pragmática**. [1a.ed London: Cambridge University Press, 1983]. São Paulo: Martins Fontes.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Estruturas Elementares do Parentesco**. 2ª ed. Trad. Mariano Ferreira, Rio de Janeiro, Vozes, 1982.

\_\_\_\_\_. **O pensamento selvagem**. Petrópolis, Vozes. 1970.

\_\_\_\_\_. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro. 1975

LEWIS, R. D. **The Cultural Imperative: global trends in the 21st century**. Intercultural Press. Estados Unidos. 2003.

\_\_\_\_\_, **When Cultures Collide: leading across cultures**. Nicholas Brealey International. 1a edição 1996, 3ª edição revisada. Estados Unidos. 2006.

MELANDER FILHO, Eduardo. **A Cultura Segundo Edward B. Tylor e Franz Boas**. Gazeta de Interlagos, São Paulo, 2009.

MAIA, Antonio Cavalcanti. Diversidade cultural, identidade nacional brasileira e os seus desafios contemporâneos. In: VIEIRA, Liszt (Org.). **Identidade e Globalização: impasses e perspectivas da identidade e a diversidade Cultural**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

MELANDER FILHO, Eduardo. **A Cultura Segundo Edward B. Tylor e Franz Boas**. Gazeta de Interlagos, São Paulo, 2009.

MEYER, R.M.B. Study in Brazil: the language and the cultural experience – opportunities for international students. In: **AngloHigher The Magazine of Global English Speaking Higher Education**. Volume 2, Série 6. Disponível em: [http://www.anglohigher.com/magazines/magazine\\_detail/88/36](http://www.anglohigher.com/magazines/magazine_detail/88/36). Dezembro 2012.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

PINHO, Suzane; SANTOS, Paula Odilon. Tendências conceituais acerca das identidades na contemporaneidade. **Revista Trias**, Ano III, n. 6, Jun. 2013.

PORTO, Maria Stela Grossi. Impunidade, avesso da reciprocidade. **Soc. estado**. vol.16 no.1-2 Brasília June/Dec. 2001.

SANTOS, Cláudia Eleuterio. **Passaporte na mão e camisinha na outra**: a imagem da mulher brasileira e o turismo sexual na cidade de Salvador. Trabalho apresentado no XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú – MG – Brasil, de 29 de setembro a 03 de outubro de 2008.

SCHWARCZ, Lilia. Complexo de Zé Carioca: sobre uma certa ordem da mestiçagem e da malandragem. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 29, n.10, p. 17-30, 1995.

SOARES, Bruno Brullon. Carnaval e carnavalização: algumas considerações sobre ritos e identidades. **Desigualdade & Diversidade** (PUCRJ), v. n.10, p. 127-148, 2012.

TYLOR, Edward B. **Primitive Culture**. Researches into the development of mythology, philosophy, religion language, art and custom.[1871] Volume 2, 6a.edição. Londres:John Murray, 1920. Tradução livre

## Anexo I

### Matérias – Grupo Multiativo

#### **M1 e M2 - Desemprego e falta de oportunidades na Europa são principais justificativas dos detidos com drogas em Cumbica**

Prestes a embarcar em um voo de Guarulhos para Madri, o espanhol Alfredo Gomes Crespo, de 45 anos, não conseguia esconder sua inquietação enquanto aguardava no Aeroporto de Cumbica. Para os policiais federais, era o sinal de que precisavam para fazer a abordagem. Na mala do espanhol, eles acharam cinco quilos de cocaína. "Fiz pensando em sustentar os meus dois filhos, de 1 ano e meio e de 6", justifica-se o agricultor, que ganharia 5 mil (cerca de R\$ 11,5 mil) pelo transporte da droga.

A transformação na vida de Crespo não começou em dezembro, quando passou a se vestir com o uniforme amarelo da Penitenciária de Itaí, unidade reservada a estrangeiros no Estado de São Paulo. A grande mudança ocorreu faz 14 meses, quando se viu pela primeira vez na vida sem emprego em um dos vinhedos de Logroño, pequena cidade onde cresceu. "A Espanha foi piorando até chegar a isso, esse estado assustador", repetiu Crespo mais de uma vez durante entrevista ao Estado.

Vivendo com os 850 da assistência social, a família passava por dificuldades. Foi então que um amigo lhe contou sobre como era fácil levar drogas do Brasil para a Espanha. "Disseram para mim que o aeroporto estava 'comprado'", lembra. Ao chegar a São Paulo, foi hospedado por traficantes em um hotel precário, na Rua 7 de Abril, na República. Não recebeu orientação nenhuma sobre como agir, e a mala com a droga só foi entregue pouco antes do embarque.

Desde aquele dia, diz que não vê a hora de receber a sua condenação. Só assim terá o direito de trabalhar e, a cada três dias de jornada, ganhar um de liberdade. "Mata ficar o dia todo sem fazer nada", conta ele. Crespo afirma que o contato por correio com a mulher ajuda a aliviar o sofrimento, mas diz que evita falar com o restante da família. "Minha mãe tem 87 anos. Se souber que estou preso no Brasil, morre."

O português Gabriel Guilherme Vieira, de 43 anos, não tem ideia se a família sabe onde ele está. Ex-chef de cozinha, ele cai no choro quando tenta imaginar a reação dos dois filhos adolescentes quando souberem da prisão. "Estou muito arrependido do erro que cometi", diz. Nativo da Ilha da Madeira, há um ano ele perdeu o emprego em um restaurante no sul da Inglaterra. "Fiquei desesperado, precisava pagar o aluguel, que lá é semanal", conta. Acabou aceitando uma proposta de 10 mil pelo trabalho como "mula". "Queriam que eu engolisse a cocaína, mas isso eu não aceitei. Não correria dois riscos, o de ser preso e o de morrer."

Voou de Barcelona para o Rio, onde foi recebido por dois brasileiros que o levaram a um casebre no meio de um matagal, na divisa com São Paulo. Após dez dias no local, foi levado para Cumbica. Às 14h30 de 2 de fevereiro, agentes da PF

descobriram o pó branco escondido em placas de silicone dentro da mala dele. Vieira diz que perdeu 10 kg desde aquele dia. Não teve acesso a advogado ou recebeu visitas de funcionários do Consulado de Portugal. "Tudo que tenho é um short, uma calça rasgada e duas camisetas." O consulado foi contatado por e-mail, mas não respondeu.

Por enquanto, como todo preso recém-chegado, está isolado, mas já teme o contato com outros detentos. "Nunca tive problema com a Justiça, não sei como vai ser quando estiver com os outros." Certamente o português vai ouvir muitas histórias como a sua, de desempregados que aceitaram se tornar mulas do tráfico. No entanto, também conhecerá muitos que se dizem inocentes.

O espanhol Pedro Fuentel, de 27 anos, por exemplo, conta que levava uma mala para um amigo de infância que não queria pagar excesso de bagagem. "Confiei demais e fui traído." Ele afirma que era motorista de caminhão em Maiorca e ganhou de aniversário da mulher a viagem ao Brasil.

O português Fernando Pereira Coelho, de 58 anos, diz que ganhou a viagem como pagamento de uma dívida e aceitou a mala do amigo de um amigo de presente. Também há o búlgaro Galabin Boevski, de 36 anos, campeão olímpico, que não sabe como a cocaína foi parar na bagagem.

O defensor público federal Fernando Carvalho afirma que absolvições são raras entre os estrangeiros presos por tráfico. "A maioria confessa para obter benefícios legais", diz. A duração da pena dependerá da rigidez do juiz. "Há pessoas que são presas nas mesmas circunstâncias, com a mesma quantidade de droga. Uma pega 1 ano e 8 meses; a outra, 10 anos."

### M3 - Turista italiano é preso por suspeita de estelionato

ARRAIAL D'AJUDA - O turista italiano Fabrizio Fabbri, de 41 anos, foi preso na tarde desta quarta-feira (18) em Arraial d'Ajuda, Litoral Sul de Porto Seguro, sob a acusação de estelionato.

De acordo com o delegado Rafael Zanini, da Polícia Civil, ele se hospedava em pousadas, almoçava em restaurantes e não pagava a conta.

Nas pousadas, ele dizia que iria buscar dinheiro com a namorada e desaparecia, já em um restaurante ele deixou a identidade como garantia de que voltaria, mas não voltou, e o documento acabou ajudando a polícia a encontrá-lo.

Além disso, Fabrizio também está sendo acusado de ter furtado - em conjunto com uma garota de programa identificada como Camila, um frigobar, um televisor de 17 polegadas e utensílios da Pousada Anjinha, onde também se hospedou. Ela está sendo procurada pela polícia.

O turista disse à polícia que era viciado em cocaína na Itália e que, chegando ao Brasil, acabou se viciando em crack, droga que já havia consumido em seu país de origem.

Em entrevista ao RADAR64, o turista negou os crimes. Falou que está em Arraial d'Ajuda há dois meses e que só não pagou as diárias da última pousada porque ela não aceitava cartão de crédito.

Sobre os objetos que teriam sido furtados, ele atribuiu a culpa à Camila, que o teria chamado para ajudar a carregá-los, mas não sabia a procedência.

Fonte: <http://radar64.com/ler.php?doc=8711>



**Turista Italiano nega furto e estelionato**

#### M4 - Franceses presos por tumulto em voo só sairão do País em 2010



Os franceses detidos em São Paulo no voo JJ 8096 da TAM no dia 6 de dezembro devem deixar o Brasil apenas após o dia 7 de janeiro, devido ao recesso judiciário. "A Polícia Federal precisava ter entregado o relatório sobre a prisão dos três até a última sexta-feira, às 18h. Esse relatório chegou por volta das 19h", disse o cônsul-geral da França em São Paulo, Sylvain Itte. "O juiz plantonista que analisou o caso disse que não tem competência para resolver a questão. Por isso, ao que tudo indica, eles permanecerão no Brasil pelo menos até o dia 7, quando termina o recesso."

A prisão dos europeus aconteceu após um suposto tumulto dentro de uma aeronave da companhia aérea TAM. Em nota, a empresa afirmou que a confusão foi motivada pela demora causada por um problema no avião. Um grupo de passageiros a bordo iniciou um tumulto. Um vídeo com imagens da confusão foi postado no site Youtube. Eles respondem por desacato, desobediência e atentado contra a segurança de transporte marítimo, fluvial ou aéreo

O cônsul francês informou que a embaixada da França no Brasil entrou em contato com o Itamaraty, mas que dificilmente haverá uma intervenção para que eles possam deixar o País antes desse prazo. O consulado da França foi acionado no dia do incidente no voo.

Os três estão hospedados na Associação Francesa beneficente 14 de Julho, que é um asilo de idosos que abriga pessoas que origem francesa que passam por dificuldades no Brasil. Antonio do Nascimento, 63 anos, que trabalha no ramo de eletrotécnica, afirmou que não houve qualquer tipo de tumulto dentro do avião que justificasse a prisão dos três.

Segundo ele, a prisão só aconteceu porque uma das aeromoças apontou o grupo aos policiais federais. "Passamos uma situação muito difícil. Em 63 anos, eu jamais havia entrado em uma prisão", afirmou. Ele prestou depoimento no

Aeroporto de Guarulhos e foi transferido para o Centro de Detenção Provisória de Pinheiros, onde passou cinco dias.

"Na prisão, fomos muito bem tratados, tanto pelos presos quanto pelos agentes. Nossa maior dificuldade era fazer com que eles entendessem o que havia acontecido com a gente", disse Nascimento. "Essa explicação nem nós tínhamos."

Já Emilie Camus Pires, 54 anos, responsável pelo setor de limpeza em um hospital no subúrbio de Paris, fez um apelo às autoridades brasileiras para que os passaportes deles, que estão retidos pela PF, sejam liberados o mais rápido possível.

"Peço tanto ao presidente Sarkozy quando ao Lula da Silva para que eles possam interceder nessa situação e nós possamos voltar para o nosso país o mais rápido possível. Tenho uma filha que vai ser mãe a qualquer momento e precisa do meu auxílio", afirmou Camus.

"Não há motivo para estarmos detidos há tanto tempo. Tudo o que a gente quer agora é voltar para casa", disse ainda Michel Ilinskas, aposentado de 61 anos.

Os três deixaram a França em um cruzeiro que partiu da cidade de Nice e durou 19 dias. No Brasil, eles passaram pelas cidades de Fortaleza (CE), Recife (PE), Salvador e Ilhéus (BA), Rio de Janeiro e Santos (SP). A volta seria de avião.

## M5 - Italiano é preso por beijar a filha na boca em barraca de praia no CE

Polícia diz que atitude é condenada pela nova lei do estupro.

Mãe, que é brasileira, afirma que beijo é costume de povo europeu.



Um pai foi preso por beijar a filha de 8 anos na boca, na beira de uma praia, em Fortaleza. A polícia diz que essa atitude é condenada pela nova lei do estupro, que está em vigor no Brasil desde o mês passado.

O italiano de 40 anos, a mulher e a filha estavam na piscina de uma barraca de praia. O pai beijou a menina na boca e foi advertido por outros turistas.

Depois de muita polêmica, os turistas brasileiros resolveram chamar a polícia e o italiano foi preso. Ele permanece em uma delegacia da capital cearense.

**A mãe da menina, que é brasileira, disse que esse tipo de carinho entre pai e filha é costume entre o povo italiano. O advogado Flávio Jacinto diz que o estrangeiro foi vítima de um mal entendido.**

A polícia diz que a prisão foi feita com base na nova lei, que torna mais rígida a punição.

Na manhã desta quinta-feira (3), a menina foi ouvida. O resultado do inquérito deve sair em dez dias.

Fonte:<http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL1291284-5598,00-ITALIANO+E+PRESO+POR+BEIJAR+A+FILHA+NA+BOCA+EM+BARRACA+DE+PRAIA+NO+CE.html>

## M5 - Câmera grava italiano preso por beijar a filha em praia do Ceará

Casal diz que estrangeiro também 'acariciou' partes íntimas da criança.

Três funcionários da barraca foram chamados para depoimento.

A barraca de praia de Fortaleza em que o italiano preso por beijar a filha de 8 anos na boca estava com a família é monitorada por 17 câmeras. O "Jornal Hoje" obteve, com exclusividade, as imagens do circuito interno que mostram a família do estrangeiro e conversou com o casal de turistas que denunciou o caso.

Uma das câmeras gravou o momento em que o estrangeiro deixa a área da piscina, a pedido de funcionários. O suspeito aparece com a filha. Os dois estão enrolados em uma toalha. Logo depois, a mãe da menina aparece explicando o que estava acontecendo.

Três funcionários da barraca foram chamados para prestar depoimento. Apesar dos empregados afirmarem que não viram nada, dois turistas brasileiros que estavam no local não acharam normal o comportamento do italiano com a filha.

Eles disseram que ficaram incomodados com a atitude do estrangeiro. "Ficamos observando aquilo e vimos que ela passava a mão nas partes íntimas da garota e a segurava como se estivesse abraçando uma pessoa adulta", disse um dos turistas. "Aquilo nos incomodou até o ponto em que nós vimos o homem beijar a menina duas vezes na boca, em intervalo de 30 minutos."

O turista brasileiro diz ainda que o pai chegou a amarrar e desamarrar o biquíni da criança."O que ele fez não foram selinhos, aquele selinho de carinho. Ele beijou duas ou três vezes a boca da menina. Pelo menos duas vezes eu vi. Outra vez, a minha esposa viu. Outros turistas também testemunharam."

O italiano foi preso na terça-feira (1º). Segundo a polícia, em depoimento, o casal de turistas já havia dito que o estrangeiro beijou a menina na boca e acariciou as partes íntimas da filha. O italiano foi detido de acordo com o artigo 217-a da Lei 12.015, que versa sobre o crime de estupro. Se condenado, ele pode cumprir pena de 8 a 15 anos de reclusão.

"Esta lei está em vigor desde 10 de agosto deste ano e é bastante rígida. O artigo trata de estupro de vulnerável sob a prática de conjunção carnal ou prática de ato libidinoso com menores de 14 anos", disse Ivana Timbó.

O advogado Flávio Jacinto, que defende o estrangeiro, diz que foi um lamentável engano e aponta falhas no inquérito. A mãe da menina, que é brasileira, disse que esse tipo de carinho entre pai e filha é costume entre o povo italiano.

Fonte: <http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL1292742-5598,00CAMERA+GRAVA+ITALIANO+PRESO+POR+BEIJAR+A+FILHA+EM+PR AIA+DO+CEARA.html>

## **M6 - Turista francesa é detida após pichar banco de praça no Rio**

Guardas municipais da Unidade de Ordem Pública de Ipanema (UOP), no Rio de Janeiro, prenderam uma turista francesa nesta quinta-feira após ela ter pichado um banco na praça Nossa Senhora da Paz, em Ipanema. Tânia Gomes, 30 anos, foi detida depois que um pedestre alertou os guardas que faziam o patrulhamento de rotina nos arredores.

De acordo com os guardas, a turista afirmou que não sabia que era proibido pichar patrimônio público, pois em seu país a prática é aceita. Os agentes explicaram sobre a proibição e conduziram a mulher até a 14ª Delegacia de Polícia, no Leblon, para registrar a ocorrência.

Após chegar à delegacia, os guardas ainda levaram a turista até o hotel onde ela estava hospedada para buscar documentos de identificação.

Fonte: <http://noticias.terra.com.br/brasil/policia/turista-francesa-e-detida-apos-pichar-banco-de-praca-no-rio,da03ac68281da310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>

**M7- Turista é detido após banhar pelado em Fernando de Noronha** - Após assinar um Termo Circunstanciado de Ocorrência (TCO) por ato libidinoso e se comprometer a pagar as taxas devidas pela estadia na ilha, Jean Henri foi liberado. “No meu país, isso é absolutamente normal e eu achei que no Brasil também não fosse crime”, explicou o velejador. O francês ainda não saiu da ilha, pois afirmou não poder deixar Noronha de imediato porque o barco está com problemas técnicos.

O turista chegou no arquipélago na embarcação Tircis, no dia 30 de abril, procedente da África. O gestor do Porto Santo Antônio, Fernando Oliveira, informou que Jean não pagou as taxas necessárias para a estadia na ilha, alegando não ter dinheiro.

“Ao chegar aqui, ele alegou que não tinha dinheiro para pagar a Taxa de Ancoragem, que tem o valor diário de R\$ 129, e a Taxa de Preservação Ambiental, que tem o valor de R\$ 43,20 por dia. Explicou que o único dinheiro que tinha era para comprar mantimentos”, disse.

Segundo o gestor do porto noronhense, foi dado um prazo de dois dias para que o viajante zarpassse. O caso foi informado à Polícia Federal por se tratar de um estrangeiro.

O velejador não foi embora no dia 1º, como previsto, retirou o barco do Porto e ancorou na Praia do Sancho, área que faz parte do Parque Nacional Marinho e onde não é permitida a entrada de embarcações não credenciadas.

“Lá no Sancho, ele ficou tomando banho de mar sem roupa e os outros turistas começaram a ligar denunciando o fato”, contou Oliveira.

Após ser detido pela Polícia Federal (PF) por nadar nu na Praia do Sancho, em Fernando de Noronha, o francês Jean Henri Le Coz, de 36 anos, disse que estava tomando banho de mar pelado porque isso é comum em seu país. Ele foi levado para a Delegacia de Fernando de Noronha nesta quinta-feira.

**M8- Delegado diz que ação do jogador Grafite é importante para combater racismo.**



O zagueiro argentino Leandro Desábato, do Quilmes, admitiu nesta quinta-feira ter feito ofensas racistas ao atacante Grafite, do São Paulo, no jogo entre as duas equipes na noite de quarta-feira. Desábato segue preso no 34º Distrito Policial de São Paulo.

"Estivemos com ele. Está bem fisicamente, mas em nenhum momento se mostrou arrependido. Ele inclusive admitiu textualmente o que disse e realmente ofendeu o jogador. Ele chamou Grafite de 'macaco', 'negrinho' e mandou enfiar a banana em um lugar do corpo que eu não posso repetir para vocês agora", disse Marcos

AntonioVito Alvarenga, presidente da Comissão de Negros e Assuntos Anti-Discriminatórios da OAB-SP.

O delegado seccional de polícia Dejar Gomes Neto confirmou que o argentino admitiu as ofensas. "Ele achou que aqui essa ofensa não fosse crime. Achou que viria aqui apenas prestar depoimento e seria liberado. Quando descobriu que não seria assim, ficou bastante cabisbaixo. Ele repetiu várias vezes que não se arrependeu do que disse".

Como no 34º Distrito não há mais carceragem, foi improvisada uma sala para a estadia do argentino. Desábato, entretanto, comeu comida de preso nesta quinta. De acordo com Gomes Neto, a delegacia recebeu a mesma comida que detentos de outros locais da cidade. O argentino teve apenas uma regalia: o médico do Quilmes pôde encontrá-lo na sala e aplicar uma sessão de gelo em uma de suas pernas

Fonte: <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2005/04/14/ult59u92782.jhtm>

## Anexo II

### Matérias do Grupo linear

#### L1 - Jogadores de Futebol da Irlanda são "Barrados" no Brasil

---

Enviado por Marcelo, seg, 10/18/2010 - 10:32



Um time de futebol da Irlanda foi recusado de entrar no Brasil e retornaram à Irlanda "Perplexos e Devastados".

20 jogadores e 11 oficiais não foram permitidos deixar o aeroporto quando chegaram ao Brasil para a sua tão sonhada viagem.

Os jogadores do Killester United ganharam a viagem de suas vidas após terem ganhado a competição da Liga Atlética da União.

Após a sua chegada no aeroporto internacional de São Paulo, os esportistas disseram ter passado 9 horas em o que eles descrevem como "um curral" no aeroporto de Guarulhos.

Eles então foram escoltados até um avião que os esperavam para retirá-los do Brasil. Os jogadores disseram que a viagem para jogar contra o time "B" do Santos e encontrar o lendário Zico, foi roubada deles de uma forma "rispidamente injusta" pelas autoridades Brasileiras, quando negaram suas entradas no país-canarinho.

Houve algumas reclamações de passageiros à bordo do vôo para o Brasil, que reclamaram que não conseguiam dormir. Dois jogadores foram acusados de cometer uma "ofensa ilegal" quando resolveram abrir uma garrafa de Vodka que compraram no Duty-Free e começaram a beber.

Os jogadores disseram que o todo o grupo foi afetado, devido a uma discussão pequena entre dois jogadores do Killester e duas brasileiras à bordo.

"Os dois jogadores estavam sentados distantes da brasileira e sua amiga. Não houve nenhum contato físico e ninguém deixou seus assentos", disse o treinador do time, Joey Graydon.

"Os comissários de bordo, retiraram os drinks dos dois rapazes e nós pensamos que o assunto tinha ficado por isso mesmo. Nada mais aconteceu e nós agradecemos os comissários no chegada ao Brasil."

"Mas a brasileira foi vista conversando com um policial no aeroporto e a logo em seguida todos nós fomos detidos por oficiais no aeroporto. Até o momento nós não sabemos o que a mulher disse ao policial. Eles também não disseram a nós."

"Os oficiais da Liga Atlética da União que viajavam conosco, conseguiram um advogado para ir até o aeroporto conversar com as autoridades mas eles se recusaram a encontrar com o advogado. Nós ouvimos que funcionários da Embaixada Irlandesa conversaram com as autoridades Brasileiras e isso nos levou a acreditar que os dois rapazes envolvidos na discussão seriam retornados à Irlanda."

"Mas após nove horas no aeroporto nós fomos "marchados" de volta à uma aeronave que nós levaria de volta", ele disse.

O Sr. Graydon ainda disse: "Nos falaram depois que duas pessoas reclamaram e que tinham 5 testemunhas"

Um porta-voz da Iberia Aero Linhas disse: "Nenhuma reclamação foi efetuada pela Iberia sobre o comportamento."

O oficial do clube Killester, Sr. RoryFitzpatrick disse: "Nós fomos tratados como se tivéssemos cometido um crime. As ações deles foram muito inapropriadas"



"Todos sabiam que estávamos representando Killester e a Liga AUL e o futebol junior da Irlanda. Os dois rapazes estão sentindo que desapontaram todos. Mas eles só estavam bebendo um pouco e tagarelado... Eles só estavam um pouquinho "zonzos", é isso", disse Rory.

O jogador Darren Murphy (28), disse que o todo o grupo foi tratado muito mal. "Foi um vô noturno e os passageiros estavam tentando dormir". Mas estavam passando um filme de comédia e alguns dos rapazes começaram a rir.

"O que os Brasileiros irão fazer quando os torcedores começarem a cantar e beber no final da Copa do Mundo em 2014"?,disse Murphy.

Outro jogador, Ciaram McLoughlin (25) disse: "É de cortar o coração. É muito surreal. Muitos de nós no time estávamos economizando por meses para essa viagem. Agora eu só sinto ódio pelo Brasil."

O jogador Fran Matthews (26) disse ainda: "Nós fomos tratados como terroristas".

Reportagem de Alan O'Keefe e tradução do Brasileiro

**Fonte:** <http://www.brasileire.com/Jogadores-de-Futebol-da-Irlanda-sao-Barrados-no-Brasil>

## **L2 - Turistas alemães são presos por tirar a roupa no aeroporto**

Um grupo de alemães provocou muita confusão em Salvador ao tirar a roupa no saguão do aeroporto. Três turistas, todos com mais de 60 anos, passaram a noite na cadeia.

Os três deveriam embarcar na segunda-feira à noite para a Alemanha, mas o destino foi outro: a delegacia do turista, no centro histórico de Salvador. FriedHausMuritz, de 65 anos, Wolf Peter, de 63, e Carl Heinz Bierman, de 65, foram impedidos de embarcar porque resolveram simplesmente tirar a roupa em pleno saguão do Aeroporto de Salvador.

O cantor Pailo Góes, que estava no aeroporto, ficou indignado e conseguiu fotografar um dos alemães só de cueca e camisa. “Eu perguntei a ele por que estava tirando a roupa aqui no aeroporto, se não tinha banheiro, se ele gostaria que alguém tirasse a roupa na frente da esposa dele, se ele não via que tinha crianças na frente. Ele simplesmente riu e disse: ‘Ah, a gente gosta muito do Brasil!’”, contou.

Paulo chamou a polícia e os três alemães acabaram na delegacia e passaram duas horas dando explicações. “Eles alegaram que trocaram de roupa no aeroporto porque não encontraram um sanitário e não acreditavam estar ofendendo as pessoas aqui dado ao nosso comportamento no carnaval”, afirma o delegado Luís Henrique Ferreira.

Os três turistas foram indiciados por prática de ato obsceno e liberados depois de se comprometer a voltar ao Brasil caso sejam convocados pela Justiça. Eles estão hospedados em uma pousada no Pelourinho e devem voltar para a Alemanha ainda esta semana.

Para a população, o comportamento dos alemães foi, no mínimo, falta de respeito. “Eles estão acostumados com o pensamento de que no Brasil se pode fazer tudo, mas não é por aí”, reprova uma moradora de Salvador.

Fonte: <http://g1.globo.com/jornalhoje/0,,MUL984729-16022,00-TURISTAS+ALEMAES+SAO+PRESOS+POR+TIRAR+A+ROUPA+NO+AER+OPORTO.html>

**L3 - Turistas inglesas presas após tentarem registrar uma falsa queixa de roubo** - As turistas inglesas foram presas após tentarem registrar uma falsa queixa de roubo. A mãe de uma das turistas inglesas detidas no Rio de Janeiro por ter tentado dar o golpe do seguro da bagagem pediu nesta quarta-feira clemência à justiça brasileira e classificou o episódio como um mal-entendido. "Pedimos que mostrem ao mundo imparcialidade e clemência", insistiu, acrescentando que as duas jovens estão "totalmente traumatizadas".

"Este infeliz incidente aconteceu ao final de uma viagem de nove meses pelo mundo. Espero que a justiça brasileira veja como um mal-entendido e que as meninas possam voltar para casa sem maiores problemas", declarou a mãe de Shanti Andrews, Simone Headley, diante de sua casa da Frant, no condado de Kent, sudeste de Londres.

A polícia carioca anunciou na segunda que Shanti Andrews e Rebecca Turner, ambas advogadas e com 23 anos, foram presas por agentes do Departamento Especial de Apoio ao Turista ao ser comprovada que era falsa a denúncia de que haviam sido assaltadas.

Segundo a polícia, as turistas prestaram queixa com a intenção de cobrar o seguro de roubo de bagagem. No entanto, os policiais acharam suas malas num albergue em que estavam hospedadas em Copacabana.

#### **L4 - Turista americano é preso após calote de quase R\$ 15 mil em hotel**

Durante os 13 dias em que ficou hospedado, Robert não economizou. Os maiores gastos foram com bebida alcoólica: R\$ 6 mil só em caipirinha.

Com hotel de luxo, paisagem de cartão postal e muita diversão, quem não quer férias de sonho? Um homem fez tudo isso no Rio de Janeiro. Ele ficou hospedado na Praia de Copacabana, comeu e bebeu muito bem. Só em caipirinhas, gastou R\$ 6 mil, mas na hora de pagar a conta o turista americano tentou sair à francesa e acabou preso.

O americano ficou hospedado em um hotel 4 estrelas na Praia de Copacabana, um dos pontos mais caros do Rio. Robert Scott, de 63 anos, estava de férias e foi preso no Aeroporto Internacional pelo crime de fraude, quando tentava voltar para os Estados Unidos.

Segundo a polícia, ele saiu do hotel um dia antes do previsto, deixou as malas no quarto e uma dívida na recepção. Durante os 13 dias em que ficou hospedado, Robert não economizou. Os maiores gastos foram com bebida alcoólica: R\$ 6 mil só em caipirinha. A conta exagerada chamou a atenção dos funcionários. O gerente, preocupado com um possível calote, chamou a polícia. O valor total das despesas chegou a quase R\$ 15 mil.

Na delegacia, Robert disse que seu cartão de crédito havia sido clonado e cancelado. Por isso, não poderia pagar a conta. Alegou também que precisava voltar para os Estados Unidos por causa de um tratamento no coração.

“Se houve essa fraude com o cartão dele e foi praticada a partir do momento em que ele estava aqui no Rio de Janeiro, ele poderia procurar uma delegacia. Nós temos uma delegacia especializada de atendimento ao turista. Em nenhum momento, ele procurou. Se ele tem problema cardíaco, não é possível um consumo de álcool tão exagerado. Então, a informação é contraditória”, afirma o delegado Alexandre Magalhães.

Fonte: <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2012/05/rj-turista-americano-e-presos-apos-calote-de-quase-r-15-mil-em-hotel.html>

**L4 - Entre as despesas, R\$ 6 mil foram gastos só com caipirinha..**

Um americano foi preso nesta quarta-feira (9) depois de sair de um hotel em Copacabana, na Zona Sul do Rio, sem pagar a conta. Ele deixou uma dívida de quase R\$ 15 mil, sendo R\$ 6 mil só em caipirinha, conforme mostrou o Bom Dia Rio. O americano Robert Scott, de 63 anos, foi preso no Aeroporto Internacional Antônio Carlos Jobim, na Ilha do Governador, pouco antes de embarcar. Ele ficou hospedado por 13 dias em um hotel na Avenida Atlântica, com vista privilegiada para o mar. A conta de Scott seria fechada nesta quinta-feira (10), mas o americano deixou o hotel um dia antes. Na delegacia, ele disse que o cartão de crédito havia sido cancelado e que por isso não podia pagar a conta. Além disso, contou ter problemas no coração e teria antecipado a viagem para um tratamento.

"Ele alega também que tem problema cardíaco com sete pontes de safena e por isso precisava fazer um tratamento rápido, o que contradiz com tudo o que ele fez no Brasil, que foi consumir bebida alcoólica em demasia", disse o delegado Alexandre Magalhães.

## **L5 - Australiano é detido após saltar de paraquedas de hotel no Rio**

O australiano Mark Nicholas Johnson, 41, foi detido na tarde desta segunda-feira depois de saltar de paraquedas da cobertura do Hotel Windsor, na avenida Atlântica, em Copacabana, zona sul do Rio.

Ele não era hóspede do hotel --invadiu o local apenas para o salto, do 39º andar.

Em depoimento na 12ª Delegacia de Polícia (Copacabana), Johnson disse ser paraquedista desde os 20 anos e que "há muito tempo" tornou-se adepto do basejump --quando o praticante salta de uma edificação, não de uma aeronave.

"Acredito que a polícia esteja com a razão em me prender. Mas pratico um esporte de risco. E é parte do risco fazer algo que não é permitido", disse à **Folha**. "Ser preso não vai me fazer desistir de esporte."

Ele afirmou já ter sido preso outras vezes, em seu próprio país, na Venezuela e na Tailândia, e que trabalha numa empresa brasileira da área de petróleo, cujo nome não revelou.

Johnson foi autuado por violação de domicílio e por colocar em perigo a saúde de outras pessoas.

Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1097018-australiano-e-detido-apos-saltar-de-paraquedas-de-hotel-no-rio.shtml>

## **L5 - Australiano é preso após pular do 39º andar de hotel em Copacabana**

Australiano é preso após pular do 39º andar de hotel em Copacabana. Ele burlou a segurança Marcelo Carnaval / O Globo

RIO - Foi como qualquer hóspede, vestindo camisa e calça sociais, que o turista australiano Mark Nicholas Johnson, de 41 anos, driblou a segurança do Hotel Windsor, em Copacabana, na tarde desta segunda-feira, para uma façanha: saltar de paraquedas do terraço do edifício — que, segundo a polícia, corresponde ao 39º andar. Com ele, ainda foi apreendido um capacete com uma câmera acoplada, que estava dentro de um saco preto. O feito lhe rendeu, além de algumas horas de explicações na 12ª DP (Copacabana), uma salva de palmas de quem passava pela praia e não sabia o que estava acontecendo — e também uma série de entrevistas, sempre sorridente. Essa foi a quinta prisão de Johnson por saltar, sendo a primeira no Brasil.

Mark contou que já foi pego outras quatro vezes, por autoridades da Austrália, Tailândia, Venezuela e Malásia. Ele só pretende parar de praticar o esporte se um dia se casar e tiver filhos.

A um policial, o turista, com um inglês carregado de sotaque australiano, contou que tem amigos brasileiros e, segundo eles, poderia saltar do hotel sem problemas, mesmo não estando hospedado lá. Na delegacia, ele disse à imprensa que já havia visitado o Windsor anteriormente, para checar a viabilidade do feito. O capacete com a câmera teria se soltado na hora do salto.

Ao chegar ao chão, Mark foi detido por seguranças e levado para a delegacia. O fato inusitado ocorreu por volta das 17h. Segundo o titular da delegacia, Márcio Mendonça Dubugras, Mark responderá pelo crime previsto no artigo 132 do Código Penal, de “expor a vida ou a saúde de outrem a perigo”. Depois de prestar depoimento, o australiano foi liberado. O Consulado da Austrália será comunicado para que ele responda pelo crime. Mas nada disso o assusta. Sua única preocupação era recuperar o equipamento, que foi apreendido.

Fonte: <http://oglobo.globo.com/rio/australiano-presos-apos-pular-do-39-andar-de-hotel-em-copacabana-5047828>

**L6- Nick Oliveri, nu, no palco do Rock in Rio, em 2001.** -"Positivo. É para prender o "guitarrista" em flagrante. Ele está nu." A ordem de Siro Darlan, juiz da 1ª Vara da Infância e da Juventude, seguiu por rádio, do camarote vip, para o contêiner do Juizado de Menores, na Cidade do Rock. E desencadeou uma operação de guerra. Eram 20h35. Cerca de dez dos 20 comissários de menores a serviço do órgão seguiram para o "backstage" do QOTSA. Em três minutos, estavam prontos para tirar o músico (na verdade, baixista da banda) de cena sob o olhar de 150 mil pessoas. "Dr. Siro, estamos no palco. Não estamos localizando o "guitarrista" que está pelado", dizia uma agente. "Onde ele está?", perguntava ao juiz.

Poucos segundos separaram Nick Oliveri da prisão. No momento em que o juiz dava a ordem, Cesar Castanho, produtor-executivo do festival, correu ao palco, após ter visto o baixista nu. "Ele não pode tocar assim", disse ao empresário da banda. "Ele não vai vestir nada", foi a resposta. "Então vou desligar a luz."

A equipe do Juizado chega ao palco segundos após Oliveri ter vestido a roupa. Comunica a ordem de prisão aos responsáveis pela produção, que iniciam negociação. "Isso não pode ser feito no meio do show. Deixa ele acabar, e vocês levam", disse Castanho.

Siro Darlan, o temido juiz que tirou crianças da novela da TV Globo, determinou que ele fosse encaminhado ao contêiner do Juizado. "Ainda é flagrante", dizia a agente que liderava a ação. "Não é atentado ao pudor, mas é ato obsceno. Vai ser preso, como determina a lei."

21h30. Fim do show. Em meio a um bate-boca entre um comissário e o produtor da banda e um princípio de briga entre o responsável pela troca de palco e outro agente, o baixista é conduzido até a van que o levaria ao Juizado. "No meu país, isso não é problema", disse Oliveri. "Todo mundo aparece nu na TV aqui no Carnaval." "Peço desculpas ao povo brasileiro", disse ao juiz. Darlan repreende o baixista e o liberam.

**L6- Nick Oliveri, nu, no palco do Rock in Rio, em 2001.**

O então baixista e vocalista da banda Queens of the Stone Age foi levado a 1º Vara da Infância e Juventude do Rio de Janeiro por ter subido sem roupa no palco do festival.

Oliveri disse que em outros países ele estava acostumado a fazer apresentações nu e nunca teve problemas. Alegou ainda que não sabia que era proibido ficar nu no palco, pois havia visto vários desfiles do Carnaval brasileiro na TV, onde mulheres e homens apareceram nus e não eram presos por isso."

**L6- Nick Oliveri diz que ficou nu porque viu cenas do Carnaval na TV**

O baixista e vocalista da banda Queens of the Stone Age, Nick Oliveri, pediu desculpas ao juiz Siro Darlan, da 1ª Vara da Infância e Juventude do Rio de Janeiro, por ter se apresentado nu no palco.

Darlan pediu que ele fosse detido logo após o final da apresentação, mas ele foi liberado e já voltou para o hotel.

Dos camarins, Oliveri pegou o helicóptero e foi para o Hotel Intercontinental, onde a banda está hospedada.

Segundo a gravadora Universal, responsável pelo cantor no país, ele não sabia que era proibido ficar nu no palco. Ele justificou que viu vários desfiles do Carnaval brasileiro na TV, onde mulheres e homens apareceram nus.

Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u9350.shtml>

## **L7 - Turista alemão é preso por exploração sexual na Bahia**

A exploração sexual de duas estudantes que moram no bairro humilde de Pernambués, em Salvador, provocou a prisão do turista alemão Ernest Dorzok, detido e autuado em flagrante por corrupção de menores.

Segundo a delegada de polícia Simone Malaquias, responsável pelo inquérito, o material apreendido com o turista é suficiente para que a Justiça decrete a prisão preventiva. O alemão carregava disquetes com imagens de duas adolescentes seminuas, fazendo poses eróticas.

O turista alemão negou que tenha seduzido as menores. Disse apenas que elas pediram presentes. "Não tive relações íntimas com ela", disse, em depoimento. As adolescentes P.N.S., 16 anos, e R.F.S., 14, ganharam biquínis, óculos, saias e sandálias, num valor aproximado de US\$ 150 ou cerca de R\$ 400.